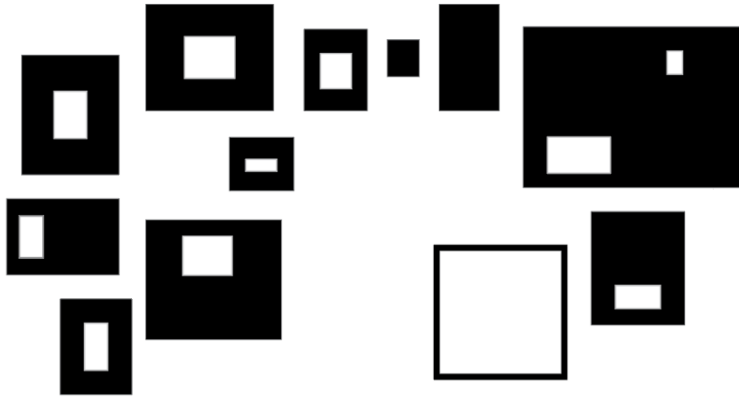


MAIRA MORAIS

OUTROS ESPAÇOS DE HABITAR 2020



OUTROS ESPAÇOS DE HABITAR

PROJECTO DE UMA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR ERUDITA PARA UM CLIENTE EXTRAORDINÁRIO – CASA PALÁCIO

MAIRA PENÉLOPE MANUEL MORAIS

Trabalho de Projecto
Mestrado Integrado em Arquitetura

Maio, 2020

OUTROS ESPAÇOS DE HABITAR

PROJECTO DE UMA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR ERUDITA PARA UM CLIENTE EXTRAORDINÁRIO – CASA PALÁCIO

MAIRA PENÉLOPE MANUEL MORAIS

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em (designação da área científica do mestrado em Arquitetura) realizado sob a orientação científica do Professor António Barbosa.

DECLARAÇÕES

Declaro que este Trabalho de Projeto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Porto, de de

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O orientador,

Porto, de de

AGRADECIMENTOS

Porque o sucesso não se alcança sozinho. Quero expressar o meu agradecimento a Deus pai todo poderoso pelo fôlego de vida e a todos aqueles que fizeram parte da minha vida académica direta e indiretamente tornando possível a realização deste trabalho de fim de Curso.

Ao meu Orientador, Arquiteto António Barbosa, pela forma como orientou o presente trabalho, pela atenção, disponibilidade, pelas suas pertinentes críticas e sugestões e por nunca me ter deixado desistir.

A todos os professores que acompanharam todos os meus passos e fizeram-me ver a arquitetura de forma diferente e a todos os funcionários, pelo carinho, em especial a Dona Deolinda e a Dona Elisa.

A Raquel Torres, Francisco Dias e Ernesto Tigre, pela amizade, irmandade e companhia no decorrer desses anos.

A minha família, que sempre esteve presente em todos os momentos apesar da distância, em Especial o meu tio querido Pedro Ganda Manuel e sua esposa Cláudia Coelho Manuel.

Aos meus progenitores Rui Vasco Pinto Morais e Maria da Graça Samuel Manuel Morais que tudo fizeram por mim, para que me tornasse na pessoa que sou hoje. Pai, mãe, vocês são tudo pra mim.

As minhas irmãs Cleide, Irina e Débora Morais e minha querida sobrinha Diana Divina pelo amor, carinho, amizade, admiração que nutrem por mim, por sempre acreditaram e depositaram em mim toda a confiança e por nunca me terem faltado com nada.

Ao meu amor Alberto Couto (Joca), por nunca desistir de mim e pelo seu infinito amor, carinho, admiração, dedicação e por acreditar em mim como ninguém.

A todos, o meu muito obrigado.

RESUMO

OUTROS ESPAÇOS DE HABITAR

PROJECTO DE UMA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR ERUDITA PARA UM CLIENTE EXTRAORDIÁRIO - casa palácio

O trabalho de projeto questiona a noção do espaço de habitar como lar e refúgio. E como a partir desse abrigo o homem parte para se relacionar com o mundo.

Pensar num projeto de uma casa unifamiliar, que deriva de uma encomenda real para um cliente extraordinário, originou a um conjunto de ideias, intensões e motivações que definem o trabalho.

Este trabalho consolida a metodologia de abordagem a um projeto real, desde o entendimento de uma encomenda, até a síntese e representação de uma ideia de Arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura erudita, Lar, Refugio, Habitar.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	
RESUMO	
INTRODUÇÃO	11
METODOLOGIA DE TRABALHO	13
ESTRUTURA DO TRABALHO	13
CAPÍTULO I – OS OUTROS ESPAÇOS DE HABITAR	15
I.2 - A CASA – ESPAÇO DE INTIMIDADE E REFÚGIO	25
I.3 - A CASA ERUDITA	31
CAPÍTULO II – CASOS DE ESTUDO	35
II.1 - VILLA ADRIANA	35
II.2 – PALACETE MARQUES GOMES	43
II.3 - MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA VITORIA	51
II.4 - CASA SERRALVES	55
II.5 - VILLA SAVOYE	59
CAPÍTULO III – O ENQUADRAMENTO TERRITORIAL	63
III.1 – O TERRITÓRIO	63
III.2 - NORMATIVA	67
III.3 - O LUGAR	69
III.4 - ÁREA DE INTERVENÇÃO	73
CAPÍTULO IV - PROGRAMA	75
IV.1 - PROGRAMA QUALITATIVO	75
IV.2 - PROGRAMA QUANTITATIVO	83
CAPÍTULO V - CONCEITO E SOLUÇÃO ARQUITETÓNICA	85
V.1 – O CONCEITO	85
V.2 – PROGRAMA DA CASA	89
V.2.1 – TERREIRO DE ENTRADA	89
V.2.2 – CASA PRINCIPAL	91
V.2.3 – ZONA LÚDICA	91

V.2.3 – CASA DE HOSPEDES	93
CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
BIBLIOGRAFIA.....	101
LISTA DE FIGURAS	105
ANEXOS	115

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge da necessidade inata do homem, como um ser protetor, à procura de um lugar privilegiado de refúgio e abrigo na relação com a natureza, afastado do centro da cidade, onde pudesse reunir a família e amigos, escapando-se da agitação do dia-a-dia.

Este trabalho não só deriva de uma encomenda real, mas como deriva efetivamente de um tema que é "**outros espaços de habitar.**"

Deste modo, pretende-se explorar o papel da arquitetura como meio de satisfazer esta vontade natural, proporcionando zonas de convívio, descanso, zonas lúdicas e zonas de contemplação com a natureza.

Assim sendo, procura-se investigar a essência da arquitetura, desde a caverna, a construção da cabana e o seu desenvolvimento até chegar ao espaço de habitar a escala do homem que hoje chamamos de casa.

Perceber o conceito de habitar e o modo como o homem vivencia o espaço, recorrendo a leituras bibliográficas com vista a um discurso crítico sobre o tema. Procura-se também entender a importância de voltar as origens, para percebermos a mais pura e melhor maneira de fazer a arquitetura, evitando os possíveis erros como temos visto em algumas obras. O que é a habitação? O que é o espaço privado?

O que é arquitetura erudita? Essas são algumas questões que serão abordadas no decorrer do trabalho, porque este trabalho para além de dar solução há uma encomenda, reflete e motiva-me a refletir sobre essas três questões.

Em seguida, para aprofundar essa ideia de casa erudita, serão estudados alguns casos de referência arquitetónica que aconteceram ao longo do tempo, com abordagens distintas. Porque a arquitetura erudita, é muito mais do que responder a funções, ela possibilita que amanhã as funções não sejam o mais importante numa casa. Valoriza-se ali a qualidade espacial e versatilidade do programa.

E se por um lado, levanto as três questões, enuncio o problema que é resolver o espaço de uma casa unifamiliar para um cliente extraordinário, uma casa palácio. Neste trabalho, o objetivo é consolidar com base nos conhecimentos adquiridos, um percurso e um processo de trabalho, justificando as intenções e soluções apresentadas.

METODOLOGIA DE TRABALHO

Iniciei o trabalho de 5º ano, com o projeto de uma fábrica têxtil, no âmbito do programa de novos territórios industriais e a proposta de requalificação da Av. 25 de Abril. Entretanto, surgiu a oportunidade e foi-me proposto este desafio real.

É o projeto de uma casa unifamiliar erudito para um cliente extraordinário. É uma casa Palácio, é um “**outro espaço de habitar.**”

Assim sendo, a metodologia de trabalho, consiste na forma sistemática de como este trabalho foi desenvolvido, desde a encomenda, à visita ao terreno, com levantamentos topográficos e fotográficos, recolha de informação da normativa do PDM, as primeiras ideias, a reflexão sobre o tema abstrato do habitar, procura de modelos, construção de maquetes, desenvolvimento de uma proposta inicial, voltar a conversar com o cliente, o cliente a resistir e a incentivar alguns aspetos, a sistematização da proposta numa fase já posterior de projeto base, com plantas, cortes e alçados a escala 1/200 e 1/100.

Depois o avanço para o estudo de uma solução construtiva, novas reuniões, reuniões com técnicos e engenheiros. E por fim a formalização da presente proposta final.

ESTRUTURA DO TRABALHO

Para melhor percebermos, o trabalho está organizado em cinco capítulos.

CAPÍTULO I – OS OUTROS ESPAÇOS DE HABITAR

CAPÍTULO II – CASOS DE ESTUDO

CAPÍTULO III – O ENQUADRAMENTO TERRITORIAL

CAPÍTULO IV – PROGRAMA

CAPÍTULO V – CONCEITO E SOLUÇÃO ARQUITETÓNICA



Figura 1 - Jardim do Éden

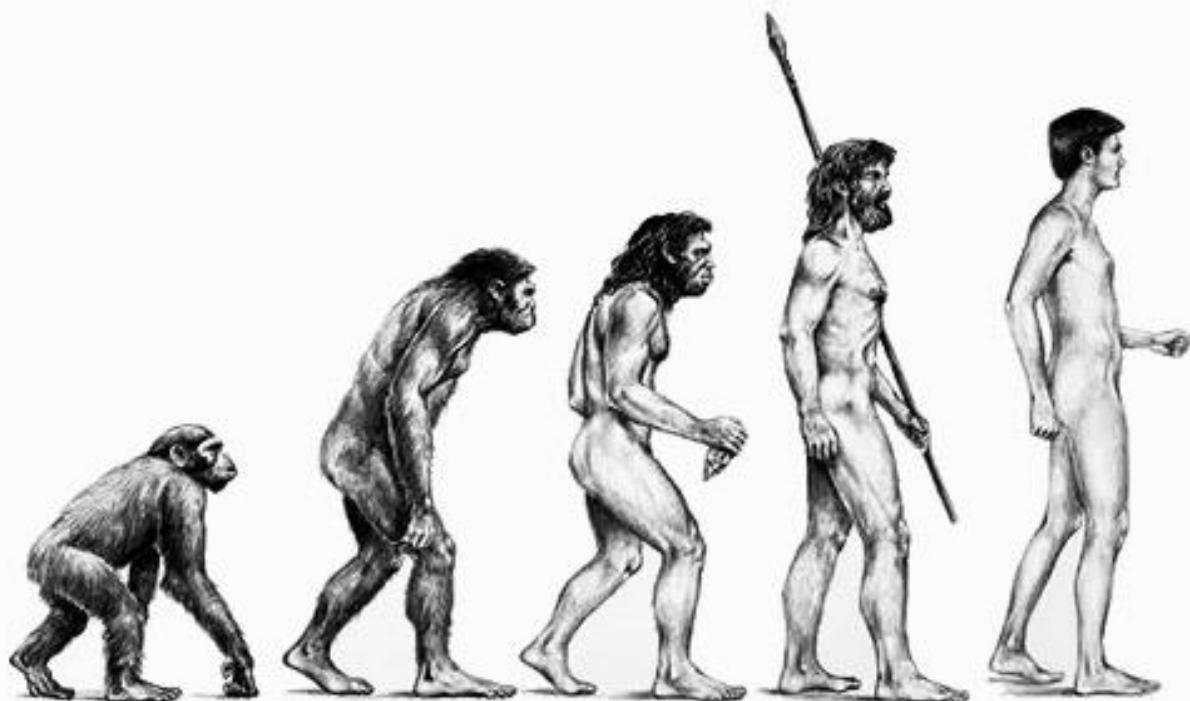


Figura 2 - Evolução Humana

CAPÍTULO I – OS OUTROS ESPAÇOS DE HABITAR

I.1 - A CASA NO TEMPO

Fazer um projeto de arquitetura, é muito mais do que a ideia construída. Quando bem pensada e executada a mesma torna-se firme, útil e belo, são essas, as bases para um projeto de arquitetura segundo Vitruvius, o que faz todo sentido.

Um projeto de arquitetura só é levado em conta quando possui essas três características, caso contrário não passa de uma ideia construída.

*“A arquitetura glorifica e eterniza alguma coisa. Quando não há nada a glorificar, não há arquitetura”*¹, Citou Juhani Pallasmaa.

Deste modo, quando realizamos um trabalho ou um projeto de arquitetura seja ela uma escola, casa ou edifícios de grandes envergaduras, é necessário, fazermos um breve questionário a nós mesmos com a finalidade de percebermos, a essência da arquitetura?, Qual foi o principal objetivo que fez com que o homem tivesse a necessidade de se abrigar ou refugiar-se?, Quais os materiais que o homem tinha a sua disposição para construir aquela que seria o seu primeiro abrigo (cabana primitiva)? Essas, são algumas questões que todo e qual arquiteto devia ter em conta quando fosse para projetar uma obra de arquitetura.

Nos dias de hoje, quase tudo já foi feito e pensando, o que faz uma obra ser melhor do que a outra é a capacidade de reflexão do arquiteto na seleção de referências, sejam elas boas ou menos boas, a fim de melhorar o que está bem feito e corrigir o que está mal.

É importante referir que arquitetura e Engenharia, são dois ofícios distintos, que se coadunam. Arquitetura como palavra, deriva do grego “ARCHE” que significa o princípio universal de todas as coisas referidamente a ideia do projeto, e TEKTON que seria Construção, a técnica de construir que buscava se aproximar a ideia principal de todas as coisas.

É verdade que existem muitas teorias fundadas, sobre a criação do mundo e do homem. Mas se pensarmos na criação do mundo segundo a bíblia sagrada, o mundo foi criado por Deus, assim como homem e todas as coisas que nela há.

No entanto, existe uma outra linha de pensamento que é a científica, segundo a qual a espécie humana descende dos primatas em que estes se dividiram em duas espécies, a que conhecemos atualmente e a que evoluiu para o ser humano.

¹ PALLASMAA, Juhani, Habitar (2015), pág. 8

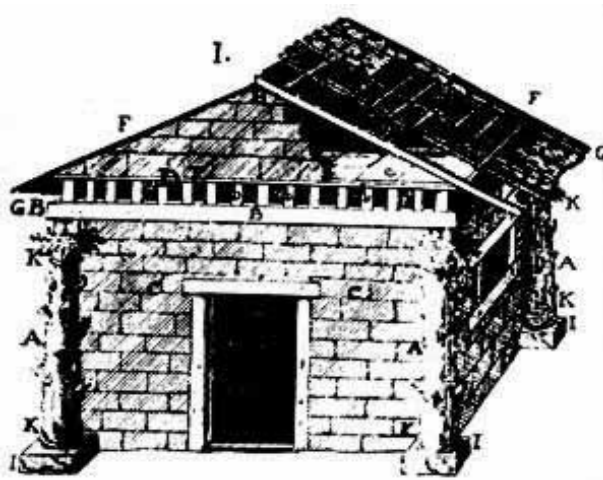


Figura 3 – Cabana segundo Blondel



Figura 4 – O fogo segundo Vitruvius



Figura 5 – Cabana segundo Filarete



Figura 6– Cabana segundo Viollet le Duc

Isso para dizer que, em ambas teorias sempre existiu uma relação infindável e de grande profundidade entre o homem e a natureza. E por causa dessa ligação surgiu a necessidade do homem a procura de abrigo.

A história da arquitetura vem transformando a vida do homem e está na gênese do seu desenvolvimento.

Desde os tempos primordiais até a atualidade, podemos dizer que surge como uma necessidade básica e que evolui para a necessidade e capacidade de cada um de nós.

O conceito de casa, surge primitivamente durante o Império Romano como sinônimo de cabana, tugúrio, choupana, de característica rural, mas que não tinha por significado a habitação urbana ou domus.

Devido a progressiva degradação das condições de vida, provocada pelas guerras durante a idade média, reduziram as domus, as casas de madeiras e de barro.

Até o século X, e pouco tempo depois, as únicas construções eruditas, foram os castelos e igrejas que eram erguidas com dimensões soberbas e com estruturas firmes, assim passou-se a distinguir as domus como morada de Deus pela sua dimensão bastante evidenciada e casa como morada humana.

Posso afirmar que por essência, a casa é tida ou vista mais do que uma zona de conforto, como uma zona de abrigo, refúgio familiar, independentemente da sua posição social, a mesma pode ser vista como a nossa terceira pele a seguir à epiderme e a roupa que vestimos.

Enquanto que lar, apesar de muitas das vezes ser associada a casa de repouso para idosos, neste contexto, representa a parte emotiva da casa que é a parte que compreende a lareira, porque os primórdios, usavam a lareira que fazia o fogo, como elemento fundamental e inseparável da cabana rústica.

O fogo era o elemento usado para unir a família a volta da lareira, como sendo um manto que aquecia e unia todos num mesmo instante.

Assim como diz a bíblia sagrada "Do pó vieste e do pó voltarás", assim se assemelha e associamos o fogo a vida humana, Porque o fogo cresce, move-se, aquece, destrói e é quente, e quando se apaga as suas cinzas tornam-se frias, assim é o corpo humano quando após a morte.

O fogo representa a alma da casa associando-se a mesma para representar a criação de um lar.

Deste modo devemos entender a casa como sendo a nossa terceira pele individual, e lar como sendo a pele coletiva, que integra, protege e une toda a família ao redor do fogo.



Figura 7 – Tratado de Vitruvio



Figura 8 – Tratado de Alberti

Muitas perguntas foram e ainda têm sido feitas quando nos referimos a essência da arquitetura uma vez que a ideia da primeira casa está presente no pensamento de arquitetos modernos assim como nos teóricos da arquitetura e todos os tempos.

É importante referir que Vitruvius foi o primeiro que procurou saber da essência da arquitetura. Segundo Vitruvius em relação a essência da casa e da arquitetura, está associada a cabana primitiva que protege o fogo e que aquece a família e que o fogo é o elemento pré-arquitetônico, sendo a partir dele que a arquitetura nasce como mito, rito e consciência.

Algo que para mim, tem alguma lógica, uma vez que o fogo é tido como o elemento que une e aquece a família, mas não concordo de todo, porque mais do que usar o fogo para aquecer e unir, o homem teve a necessidade de se refugiar dos ventos, talvez da chuva e entre outros fatores.

Com o Renascimento, a ideia de Vitruvius, tornou-se num ponto de apoio e partida para aprofundar a essência da arquitetura que passou a apoiar-se na teoria de Leon Batista Alberti que defende que o princípio básico da arquitetura está no teto e na parede, para ele a união de parede e teto é o princípio da congregação dos homens, porque há distinção entre espaços amplos exteriores e espaços interiores que protege o homem.

Neste sentido, a ideia não é proteger o fogo, mas sim criar um espaço que une, reúne e protege os homens, o que faz todo o sentido e invalida a ideia teórica de Vitruvius.

Enquanto Vitruvius defendia o fogo como sendo a essência da arquitetura e Leon Batista Alberti o teto e as paredes. Filerete associava a origem da casa e da arquitetura à tradição cristã: Seguindo a lógica de que Adão quando foi alojado no paraíso estava a chover, então o mesmo ergue as suas mãos para se proteger da chuva. Então depois de ser expulso do paraíso, teria sido o primeiro arquiteto em busca de refúgio e abrigo constrói a primeira cabana rustica em forma de tenda cujo o teto se apoia sobre troncos em forma de forquilhas, originando as colunas, colunas essas que segundo Alberti, não passavam de embelezamento.

E assim foram surgindo muitas outras teorias sobre a essência da arquitetura, até que, no entanto, surge o Marc- Antoine Laugier, que formula a hipótese de que toda a arquitetura tem sua origem na cabana primitiva. O desenvolvimento da coluna, do entablamento e do frontispício suprimindo os muros de fechamento, faz surgir a cabana primitiva, contendo toda a lógica construtiva.

No século XIX, começa a engenharia a entrar na arquitetura, algo a que alguns arquitetos, ainda apresentavam alguma resistência. Um engenheiro canadiano, Henry Ruton, autor de um livro sobre as vantagens do isolamento e ventilação,



Figura 9 – Catedral de Brasil, Modernismo na arquitetura



Figura 10 – Escola de Bauhaus

sentenciou o seguinte, “No meio da labareda de luz que iluminou o mundo, apenas a arquitetura permaneceu estática, coberta pela poeira do tempo”.

Algo que não podemos ignorar neste século (XIX), e que a principal força motriz que alimentava a maior parte dos novos inventos, continuava a ser o trabalho humano. A descoberta da eletricidade para uso doméstico no final do século XIX e início do século XX, veio banalizar tudo aquilo que nos dias de hoje temos como garantido numa casa, iluminação, fonte de calor, uso de todos e quaisquer tipos de utensílios domésticos, etc...

As ambições de um proprietário, o engenho de um projetista e as possibilidades de uma época, traduzem a arquitetura a partir do século XX.

Antes do século XX, questões como privacidade, higiene ou qualidade de vida numa habitação, eram praticamente inexistentes.

No início do século XX, a arquitetura tende a afastar o conceito industrial, no entanto, acaba por ser este conceito a transformar arquitetonicamente a organização de toda a sociedade, chegando ao ponto de serem indissociáveis os dois conceitos, entrando inclusivamente, um em dependência do outro, para que ambos evoluíssem.

No final de século, volta a levantar se a questão da industrialização, na arquitetura, desta vez por motivos ambientais, tendo em conta o perigo para o esgotar das matérias primas, das energias e da vida na terra.

A habitação (e conseqüente arquitetura), a par da alimentação e do próprio vestuário são três necessidades básicas do ser humano, que evoluíram ao longo da humanidade de uma forma vertiginosa, desde a necessidade básica, passando pela utilidade, pela vaidade, pela ostentação, até e em muitas circunstâncias, ditando o nosso status social e o nosso lugar na sociedade. Algo que mesmo moralmente questionável, é uma realidade inegável.

A problemática habitacional, foi caracterizada ao longo do século XX, por vários fatores, e estes problemas continuam a existir até os dias de hoje, e provavelmente continuarão a existir se o arquiteto, não conhecer os instrumentos de resolução necessários para mitigação dos problemas atuais.

Portanto, verifica-se que com a viragem do século XX para o século XXI, os mesmos, são marcados por quatro estilos principais nomeadamente o “modernismo”, “Bauhaus”, “desconstrutivismo” e “Sustentabilidade”, sendo que a sustentabilidade, acaba por ser o estilo que mais se adequa a arquitetura, pelo facto da mesma estar preocupada com o impacto das construções no meio ambiente, trazendo a incorporação de materiais recicláveis e a utilização de luz natural.

A uma rotura do moderno para o contemporâneo, dando lugar a um novo conceito de sociedade, surgindo assim um novo fenómeno de urbanização onde novas aglomerações da sociedade urbanizada se começam a implantar nos núcleos



Figura 11 – Fundação Louis Vuitton, Desconstruivismo na arquitetura



Figura 12 – Edifício Santalaia, Sustentabilidade na arquitetura

antigos, oferecendo novas ferramentas para arquitetura se relacionar com a respectiva realidade social.

Em suma, a sociedade urbana em que vivemos mudou e tem mudado muito ao longo dos anos e principalmente nos últimos anos, e continuará num processo longo de evolução no futuro.

E é importante que a arquitetura seja capaz de acompanhar este processo evolutivo, pois o espaço de habitado, pensado, sonhado e idealizado pelo homem, tem de resultar da coerência e harmonia entre o desenho de arquitetura do habitar e a forma como o espaço é utilizado e aproveitado por cada habitante.



Figura 13 – Casa em Baião, Eduardo Souto de Moura, 1993



Figura 14 – Casa-Estúdio, Venturi, 1981

I.2 - A CASA – ESPAÇO DE INTIMIDADE E REFÚGIO

Quando falamos de casa, logo remete-nos a imagem de um espaço privado e íntimo.

Para percebermos a casa e o conceito do habitar, é necessário percebermos o surgimento da primeira caverna e o que levou o homem a refugiar-se nela e qual foi a evolução até chegar aquilo que hoje chamamos de casa.

“Se o homem como animal se refugiou nas cavernas, e como ser racional construiu a cabana, o homem como ser culto, criador, concebeu a casa como morada para habitar.”²

O homem como ser animal refugiou-se nas cavernas, para se proteger do frio e da chuva assim como de outros animais irracionais.

Se pensarmos em Adão e Eva como os primeiros há habitarem a terra, após terem desobedecido as leis de Deus, viram-se em lugar escuro e sombrio. Daí surge a ideia do homem de construir a sua primeira cabana, feita com troncos e ramos, para se proteger dos animais, da chuva e do frio.

Ao contrário das cavernas, o homem poderia escolher o lugar para construir e como seria a forma da sua primeira habitação.

O conceito do habitar aqui, esta relacionada com o ato de refugiar-se e defender-se.

A palavra casa, aqui é usada para designar todo tipo de construção que foi feita naquela época.

Porque se repararmos, casa aqui é tida como refúgio, deste modo a cidade pode ser vista como casa numa escala em grande dimensão.

A Casa é a forma de arquitetura mais elementar que se aproxima a escala humana e ele proporciona um lugar sobre a terra para o homem habitar.

O homem, procurou desenvolver e aprimorar a casa, segundo as suas necessidades, manifestando a vontade de um lugar e um território que lhe pertencesse.

Para além de ser a nossa morada, o lugar onde habitamos, a casa é muito mais do isso, é a nossa manta, é o lugar onde crescemos, onde aprendemos a dar os primeiros passos. É o nosso mundo.

A história da arquitetura vem transformando a vida do homem e está na génese do seu desenvolvimento.

² CAMPO BAEZA – A ideia construída, pág.60



Figura 15 – Casa Douglas, Richard Meier, 1973



Figura 16 – Casa David Vieira de Castro, Siza Vieira

Desde os tempos primordiais até a atualidade, podemos dizer que surge como uma necessidade básica e que evolui para a necessidade e capacidade de cada um de nós.

A casa giratória desenhada pelo Pintor Paul Klee, define as diferentes perspectivas com que cada um de nós caracteriza uma habitação.

Diferentes climas, diferentes geografias, diferentes materiais, diferentes culturas, diferentes épocas, no entanto, algo comum a tudo anteriormente descrito...evolução!

Até ao século passado a convivência de uma família no interior da sua casa, dependia, por exemplo, da luz do dia, porque quando esta acabava, velas, candeeiros e lanternas a gás, ficavam demasiado caros para a maior parte da sociedade. Por esse facto, não podemos ignorar que a industrialização dos diversos materiais de construção e o seu conseqüente baixar de custo, veio contribuir para que a qualidade de vida aumentasse substancialmente e que por exemplo, a capacidade de iluminação das habitações aumentasse também e de forma substancial, o que contribuiu um aumento da alfabetização, da limpeza e higiene que passam para patamares mais elevados e conseqüentemente, várias doenças, desaparecem.

Citando Adolf Loos, "A arquitetura não é uma arte, aquilo que possui uma utilização foge da esfera da arte, ou a ausência de ornamento, e sinal de força espiritual".

Em sentido oposto e admitindo que a vida comporta em grande parte, o refúgio da nossa habitação, Theo Van Doesburg, "Devemos admitir que a vida e arte já não ocupam esferas separadas. E esta a razão pela qual a arte, como ilusão separada da vida real, deve desaparecer".

A arquitetura tem sido vivenciada por todos os seus intervenientes, ao longo dos tempos, de uma forma absolutamente singular e única, a arquitetura vive em permanente mutação e cada vez mais, sem limites, desde o seu exterior, ao seu interior, os únicos limites, são aqueles impostos pela imaginação ou condições dos seus intervenientes.

Quando falamos de casa como refúgio, logo remete-nos a ideia talvez de um lugar distante da cidade, longe de tudo, um lugar que tenha a mais pura relação com a natureza, o lugar onde nos sentimos livres.

E isso cada vez mais tem se perdido, pois parece que as pessoas têm medo de estar sozinhas, tendo até medo da própria sombra, preferem estar rodeadas muitas vezes por pessoas que não lhes dizem absolutamente nada, com medo do vazio e da solidão.

E atualmente, para satisfazer o ego vazio com coisas fúteis, as pessoas têm tido menos tempo de usufruir dos prazeres da vida, como ler um livro ouvir uma boa



Figura 17 – Casa Farnsworth, Mies Van der Rohe, (Illinois, EUA)



Figura 18 – Casa Malaparte, Adalberto Libera, (Capri, Itália) 1938

música, reunir a família, contemplar a natureza e vivenciar o espaço. Tudo isso porque a vida tem corrido a um ritmo alucinante, fazendo com que as pessoas se esqueçam de viver o dia-a-dia sem stress, pensando somente no futuro como maneira de sobreviver, se esquecendo do presente.

Ainda me lembro da minha infância humilde, mas rica de boas memórias, a maneira como vivíamos, e usufruíamos o espaço, o acordar com o cacarejar das galinhas, tomar banho de mangueira, isso quando não fosse dias chuvosos que reunia toda a família por baixo da chuva naquele terreno gramado livre em frente a minha casa, que se transformava num salão em dias festa.

Não me esqueço das árvores pontuais como a mangueira, a bananeira que alegravam os meus dias, do pequeno tanque de criação de caranguejos, da capoeira da galinhas que pegamos os ovos para o pequeno almoço e de seguida a galinha para o almoço, da cozinha exterior com a vista sobre o terreno plano que se prolongava até o limite da rua a uma cota mais alta, e da vivência e relação que tínhamos com os vizinhos.

Lembro ainda do momento em que meu pai me levava para a escola e eu não vivia a hora de voltar para casa, não pelo desejo de fugir da escola, mas por não me sentir em casa, do meu sorriso quando avistava a minha casa de longe e pensava dentro de mim, *lar doce lar*.

Isso para dizer que depois de ter mudado de casa, até os dias de hoje a ideia de casa como refúgio que ficou gravado na minha memória é da casa onde nasci e cresci, pois eu me sentia parte daquele espaço. Aquela casa era o meu refúgio, era a minha zona de conforto era a minha fortaleza.

E é necessariamente nesse espaço de refúgio, que não é caracterizado pela sua dimensão, mas pela sensação que transmite ao usuário, onde reside o nosso lugar de descanso, o lugar de contemplação e concentração, é dali onde nasce o prazer pela vida, é o lugar que nos mantém distante de olhares indiscretos e distante da vida real.



Figura 19 – Arquitetura Vernacular

I.3 - A CASA ERUDITA

Para definirmos o termo erudito em arquitetura, é necessário que se faça uma distinção entre os termos, arquitetura vernacular e arquitetura popular, atribuindo-lhes significados.

Embora ambos os termos se referem a atitudes práticas e empíricas na construção e na definição dos espaços, tendo a comunidade como autora, com formas próprias de um lugar delimitado, podemos dizer que arquitetura vernacular, é aquela que recorre as técnicas construtivas e matérias locais, com base num conhecimento técnico adquirido de geração para geração ao longo do tempo. Sendo que o grande fator diferencial entre essas duas arquiteturas, reside no facto de a vernacular não permite mudança e tão pouco evolução. Ao ponto que, mesmo ao acontecer esta será sempre impercetível.

A arquitetura popular, admitirá sempre mudanças e pouca evolução, quer nas suas técnicas, quer na sua tradição e materiais utilizados, prescindindo apenas do arquiteto.

Falando em arquitetura erudita, esta transporta-nos para um processo evolutivo, em que o espaço é transformado por ordem de conhecimento técnicos em aferição com as ideias que foram adquiridos depois de estudados. Sendo essa a ferramenta transformadora, que depois de cumpridas as necessidades básicas construtivas, vai mais além e promove a beleza e multiplicidade desse mesmo espaço, tendo em conta o contexto social, cultural e económico onde está inserido.

Em termos análogos, podemos aferir que na construção popular, o interveniente, fica próximo da construção erudita, quando o arquiteto, apesar da sua ciência, cede às solicitações e formas de construir do seu cliente.

Ventura Terra e Marques Silva, são arquitetos portugueses que seguem uma tendência claramente erudita e possuem algumas obras de referência.

Cada individuo quando quer construir, procura uma posição de glorificação. Para o conseguir, recorre ao arquiteto que vá de encontro aos seus ideais, o que pode revelar-se um trabalho árduo e complexo, em que e recuando um pouco, temos a tal oposição da arquitetura popular á arquitetura erudita e dependendo dessa relação cliente – arquiteto, podemos ter uma mistura normalmente indissociável, dessas duas correntes arquitetónicas.

A arquitetura erudita, possibilita que amanhã as funções não sejam o mais importante numa casa. Mais importante será a qualidade dos seus espaços.



Figura 20 – Casa Fallingwater, Frank Lloyd Wright, (Pensilvânia, EUA) 1935

A sua qualidade espacial promove novos usos e a versatilidade programática.

Há inúmeros casos em que a habitação erudita evolui para um hotel, um museu, um empreendimento de apoio comunitário assim como pode ser um edifício empresarial com vários sectores.

Portanto, na arquitetura erudita, o mesmo espaço pensado para uma responder a uma determinada função, pode transformar-se e evoluir para uma outra função, completamente díspar da função anterior.

O que ontem era um espaço que respondia a um programa habitacional, pode hoje ser destinado a um estabelecimento escolar e amanhã a uma unidade hoteleira, quer isto dizer que a arquitetura erudita é mutável.

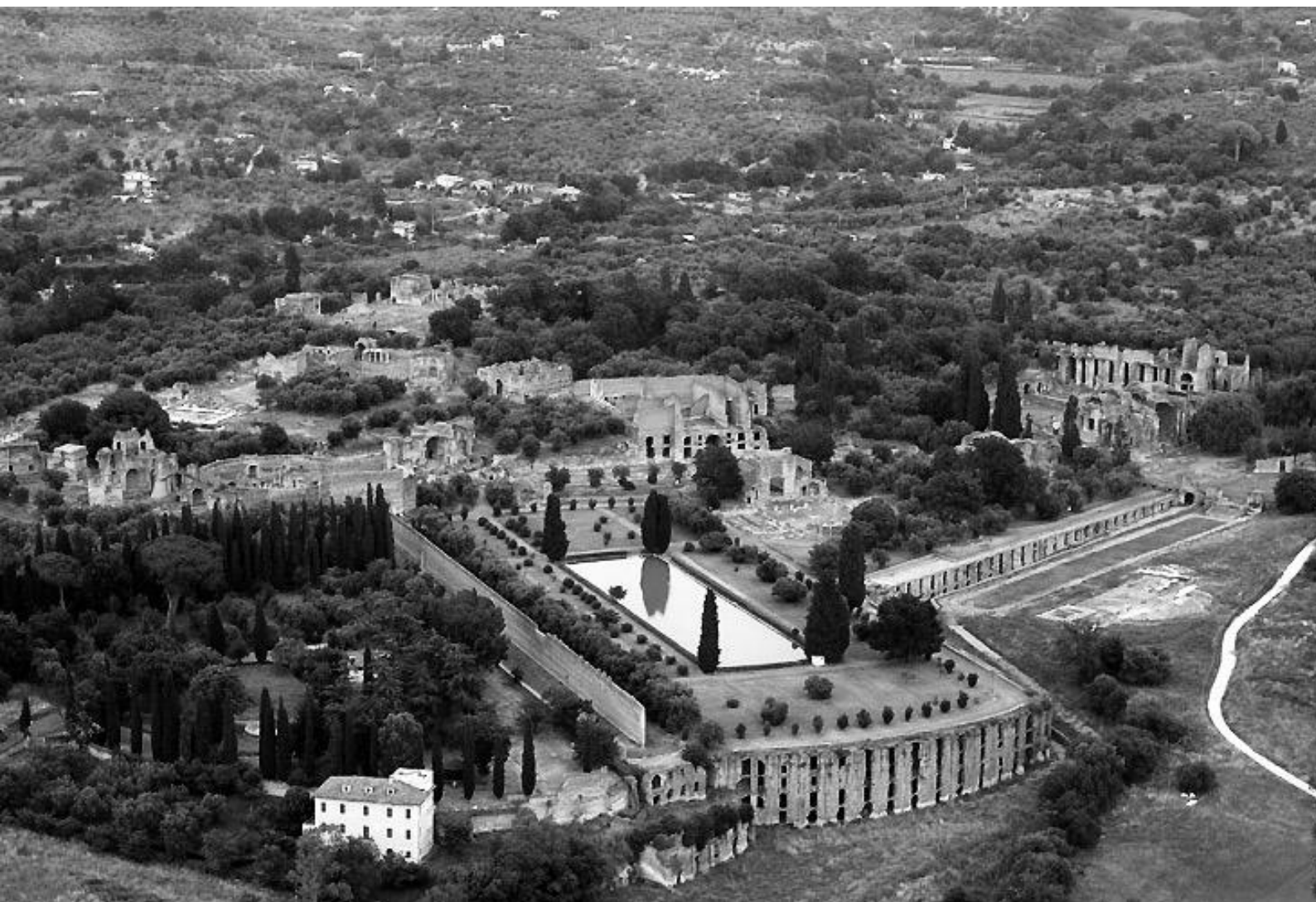


Figura 21 – Villa Adriana, Itália

CAPÍTULO II – CASOS DE ESTUDO

Com o decorrer do trabalho, surgiu a necessidade de investigar o que já foi feito e como foi resolvido alguns casos, com o objetivo de perceber a essência da arquitetura e as soluções obtidas pelos arquitetos.

Foi muito importante e interessante fazer o estudo de alguns projetos arquitetônicos de habitação excepcional que aconteceram ao longo dos séculos, muitas vezes denominadas por palácios, Villa, para perceber a evolução da arquitetura erudita através do espaço de habitar.

Deste modo, foram estudados alguns projetos de referência arquitetônica, que serviram de base para o projeto.

Embora sejam abordados de formas diferentes, os mesmos possuem a essência da arquitetura erudita e preocupação por parte dos arquitetos, com relação a inserção do edifício no terreno, os materiais utilizados, a relação com a envolvente e com a natureza, espaços interiores e exteriores, e até mesmo com o programa.

O objetivo principal deste estudo, foi perceber o que é a arquitetura erudita, a sua evolução e a forma de habitar nesses espaços.

O projeto de uma casa erudita, uma casa palácio, é um outro espaço de habitar, e esses espaços de habitar (erudito), aconteceram sempre ao longo do tempo, para pessoas especiais.

II.1 - VILLA ADRIANA

Villa Adriana, foi construída no século II para o imperador Adriano.

Localizada a cerca de trinta quilômetros de Roma, na cidade Tivoli, é uma das mais ricas heranças patrimoniais da antiguidade.

Hoje em ruínas, está representada em cerca de 120 hectares, sendo que, apenas 40 hectares estão visíveis na atualidade.

Élio Esparciano, relata em história Augusta, que Adriano, em virtude das suas inúmeras viagens através do império romano, adornou na sua vila em Tíbur, edifícios admiráveis onde se identificam os nomes dos lugares e províncias mais importantes, tais como : o Liceu, a Academia, o Pritaneu, o canopo, o Portigo Pintado e o vale de Tempe, representando inclusive a residência das sombras.

Adriano tenta em suma, evocar na sua arquitetura, todas as suas vivências.

Sendo um amante da arte e apaixonado particularmente pela arquitetura, desenhou ele próprio edifícios, com uma visível tendência pelas cúpulas.



Figura 22 - Grandes Termas

Foi também minucioso na sua escolha pelo local onde deveria ser construído a vila imperial, afastando-a de Roma e selecionando um planalto sobre os declives tiburtinos.

O local tinha numerosas pedreiras e era alimentado por quatro aquedutos de água, cruciais para as termas romanas e para as características fontes romanas.

No local escolhido, já existia uma villa republicana, propriedade da esposa do imperador, que foi integrada na construção da villa Adriana, sendo a sua canalização e rede de esgotos, concebida de raiz.

O conjunto que denominamos por Villa Adriana, foi construída em duas ou três fazes, sendo continuados os trabalhos após a morte do imperador, sendo progressivamente abandonada e esquecida durante a idade média.

O renascentista Flávio Biondo, foi quem colocou o nome as ruínas, passando estas a ser frequentada por artistas, arquitetos ou amantes das antiguidades, que pilharam obras e elementos arquitetónicos.

Centenas de obras enriqueceram, coleções privadas e grandes museus europeus.

Em 1870, o governo italiano, toma posse da villa, que depois dos restauros, revelaram a grandiosa arquitetura.

Em 1999, A Vila Adriana, foi incluída na lista do património mundial da Unesco. Com um esboço quadrangular, de 1200 metros de norte a sul e 600 metros de este a oeste, o perímetro atual da vila é de 40 hectares.

Existem cerca de 30 edifícios com naturezas distintos, onde constam, três complexos termais, edifícios administrativos e edifícios de lazer, tudo isso se insere num conjunto de jardins e de espaços verdes decorados com fontes e planos de água.

Organizada funcionalmente mediante a geografia do terreno, que é ligeiramente envalado e limitado entre dois cursos de água, podemos distinguir 4 complexos de vestígios com a sua própria identidade.

- O terraço da Academia
- O vale do Canopo
- O complexo Pintado
- O complexo Nordeste

De toda arquitetura, que compõem os diversos complexos já descritos, podemos salientar os seguintes pontos individualmente.



Figura 23 – Villa Adriana, Canopo

O teatro marítimo, situado nas proximidades da antiga villa republicana, tem uma arquitetura tão complexa, quanto ímpar, sem equivalências com o teatro romano habitual.

Tem um Pronau, já quase inexistente e que permitia entrar num átrio, onde encontramos um pórtico circular com colunas Jónicas, coberto por uma abobada em berço.

No centro, um canal com uma ilha, onde se situa o edifício circular com 45 metros de diâmetro, sendo ele próprio um átrio e um pórtico. A tudo isso junta-se um jardim, um complexo termal e algumas divisões, sendo que, uma delas é um quarto e outra as casas de banho.

O canopo, já anteriormente referido, é um plano de água de 119 metros de comprimento por 18 de largura, fica situado no pequeno vale, parcialmente artificial e que deve o seu nome a uma cidade egípcia. Simboliza o antigo canal, que ligava a Alexandria e Canopo.

As caratedes do canopo, são enquadradas por estatuas de sileno.

Termina à sul num edifício chamado Serapeu e que se liga ao canopo através de um pequeno tanque retangular.

A sala principal é coberta por uma semicúpula, que comporta um imenso leito, que acolhia no verão, os convivas de banquetes.

Em oposição, a extremidade nordeste é arredondada e coroada por arquitraves alternadas horizontalmente e em arco. Entre estes espaços existem várias estatuas.

As termas, existem as grandes termas e pequenas termas, mais ou menos alinhadas, em paralelo com o eixo do canopo. Os edifícios anexos, têm uma serie de divisões, presumivelmente um pretúcio, para alojar os oficiais da guarda imperial.

O complexo do pórtico pintado, é o maior dos edifícios da villa e encerra o vale do canopo. Foi necessário o trabalho de terra plantagem de lado norte que compensa o declive natural do terreno.

O persículo, que limita o pórtico pintado, está duplicado a norte com o muro de separação interior, que protege dos ventos nortes.

O terraço da academia, parte mais alta de villa, sobre um terreno com 200 metros que tem a sudeste uma inclinação bastante acentuada por um curso de água.



Figura 24 - Teatro Marítimo

A oeste encontra-se a torre medieval RoccaBruna. Em oposto, um complexo de edifícios que compreende a academia, seguida de um peristilo, que precede um templo com cúpula.

O complexo Nordeste, neste complexo temos a hospitália, que dispõe de 10 quartos de ambos os lados do corredor central. Era destinada ao alojamento de soldados de elite da guarda pretoriana.

Temos também a sala dos filósofos, que é uma grande sala contígua ao palácio e que deve o seu nome à suposição de ali se reunirem filósofos e escritores protegidos pelo mecenato.

Existe ainda o palácio imperial, que foi anteriormente construído, em parte durante a época republicana. Foi modificada sobre uma planta mais simples.

A Villa Adriana, acolhia cerca de 3000 pessoas, que compunham a corte, com os seus domésticos e vigilantes.

Os mais privilegiados, habitavam no palácio e na companhia do imperador, os cortesãos de estatuto secundário e os soldados da guarda, bem como os serviçais, tinham os alojamentos mais modestos, como a hospitália.

A mesma linha de raciocínio existia no que concerne os banhos, as pequenas termas para a primeira classe, as grandes termas para os outros.

Por existir uma circulação intensa, foi estabelecida uma rede subterrânea, que servia toda a vila, do tetro, ao liceu.

Foram escavadas também, grandes galerias subterrâneas, que serviam de estábulos e estacionamento para as carruagens.

Resumindo, Villa Adriana, apesar da sua condição e intensão de refúgio, torna-se autossustentável, a todos os níveis, permitindo ao imperador Adriano exercer as suas funções em pleno e a todos os níveis.



Figura 25 – Palacete Marques Gomes, 1904 (Vila Nova de Gaia)

II.2 – PALACETE MARQUES GOMES

Na segunda metade do século XIX, surge uma personagem – tipo característica da sociedade portuguesa, nesse período, essa figura denominava-se «Brasileiro», no entanto, esse adjetivo, não se referia apenas a nacionalidade propriamente dita, mas também ao cidadão português que emigrou para esse País da América Latina e aí fez fortuna, regressando já com um outro estatuto social, que lhes permitia, através do seu poder económico, construir habitações singulares denominadas “Casas de Brasileiro”³.

Neste contexto, este personagem não se distingue do retornado de outras colónias portuguesas pelo mundo fora, algo que se estendeu as primeiras décadas do século XX. O espólio deste período ainda se encontra nos palacetes, espalhados pelas aldeias, vilas e cidades do nosso País.

Estas construções, que ostentavam e algumas ainda continuam a ostentar, eram explicadas pelo facto de, em virtude de uma forte ressecção económica em terras lusas, e em oposição, a personagem-tipo atrás citada e denominada «Brasileiro», fruto da sua nova condição económico – social, tinha todos os recursos para construir com opulência, o resultado do seu trabalho de anos, que se traduzia, nos palacetes já anteriormente identificados.

Por norma, esses palacetes, caracterizavam-se por uma expressão historicista, onde surgiam frontões, escultura de baixo relevo, fachadas largas, ainda que alinhadas com as frentes dominantes das ruas.

Este período é caracterizado por um estilo dito neomanuelino.

Ainda no início do século XX O «brasileiro», o retornado de África, ambos denominados «Torna-Viagem», ou novos ricos, bem como os republicanos têm um papel fundamental na rotura arquitetónica, importando novos conceitos e impulsionando o comércio e a indústria.

No início do século XX assistimos por parte dos estudos da academia de Belas Artes de Lisboa e do Porto, um objetivo comum de ingressarem na École des Beaux – Arts, em Paris, sendo está a meca da arquitetura europeia.

Fruto desse êxodo, António da Silva ganha, pelas suas obras protagonismo na cidade do Porto, despertando assim o interesse de Marques Gomes, que para a sua habitação própria, algo capaz de traduzir o seu relevo social e da sua família, procurava alguém com conceitos de arquitetura erudita e que de certa forma rompessem com o que era até então estabelecido naquela época.

³ Domingos Tavares – CASA DE BRASILEIRO, 1ª Edição Porto 2015. Pág.10



Figura 26 - Fachada Principal, Palacete Marques Gomes

O estilo Beaux – Arts, não era propriamente um estilo, mas antes um conceito, uma vez que tentava não corresponder a nenhuma categoria estética estabelecida tentando, no entanto, respeitar o passado, mas sem a repressão do mesmo, libertando a capacidade intelectual e criativa do arquiteto.

Manuel Marques Gomes (1866-1932), natural de Canidelo, viaja para o Brasil em busca de melhores condições de vida e estabelece-se em Belém do Pará onde faz fortuna.

Regressa a Portugal e torna-se proprietário de uma empresa de exportação de vinhos, e monta indústria na área da cerâmica e conservas.

Sendo um empresário bastante ativo, “adquiriu os vastos terrenos da designada quinta de dona Rosa no lugar de Alumiara e ali mandou erigir a sua própria casa em 1904.”⁴

Esta obra de referência foi então projetada por António da Silva e começamos por identifica-la como uma síntese coerente e ao mesmo tempo enigmática da linhagem erudita.

Este projeto apesar da sua forma compacta, apresenta um perfeito equilíbrio entre detalhes que visam representar uma linguagem clássica, moderna e funcional, tendo como base a forma quadrada, possuindo um pátio central, que se estende em altura até a cobertura que por sua vez promove a iluminação do espaço através de uma luz zenital.

⁴ Domingos Tavares – CASA DE BRASILEIRO, 1ª Edição Porto 2015. Pág.70



Figura 27 – Fachada Lateral Direita, Palacete Marques Gomes

Este projeto apesar da sua forma compacta, apresenta um perfeito equilíbrio entre detalhes que visam representar uma linguagem clássica, moderna e funcional, tendo como base a forma quadrada, possuindo um pátio central, que se estende em altura até a cobertura que por sua vez promove a iluminação do espaço através de uma luz zenital.

Por vontade expressa do cliente, a casa foi implantada na parte mais elevado do terreno garantido a perfeita visibilidade do mesmo, por todos os ângulos produzindo assim arquitetura de grande efeito cénico, proporcionando assim uma clara demonstração de poder, gerando dessa forma emoções fossem elas negativas ou positivas.

Diferenciadas em ângulos opostos, são colocadas duas torres, que associadas a localização, no cume da colina, lhe conferem uma imponência ímpar.

Cada uma das quatro fachadas, apresenta-se de formas diferentes e com funções diferenciadas na sua relação com exterior. A nascente com um jardim privado, a poente com uma área própria de arranjos de quinta rural, do lado sul, um terreiro de aproximação á porta de entrada e por fim do lado norte beneficiando do facto de se localizar no alto da colina, está fachada, permite contemplar uma vista deslumbrante sobre a foz do douro e cidade do Porto.

A simetria da casa, é quebrada pelos diversos elementos volumétricos, como é exemplo a escadaria exterior frontal, deslocada ligeiramente a esquerda, abraçando o patamar de espera.

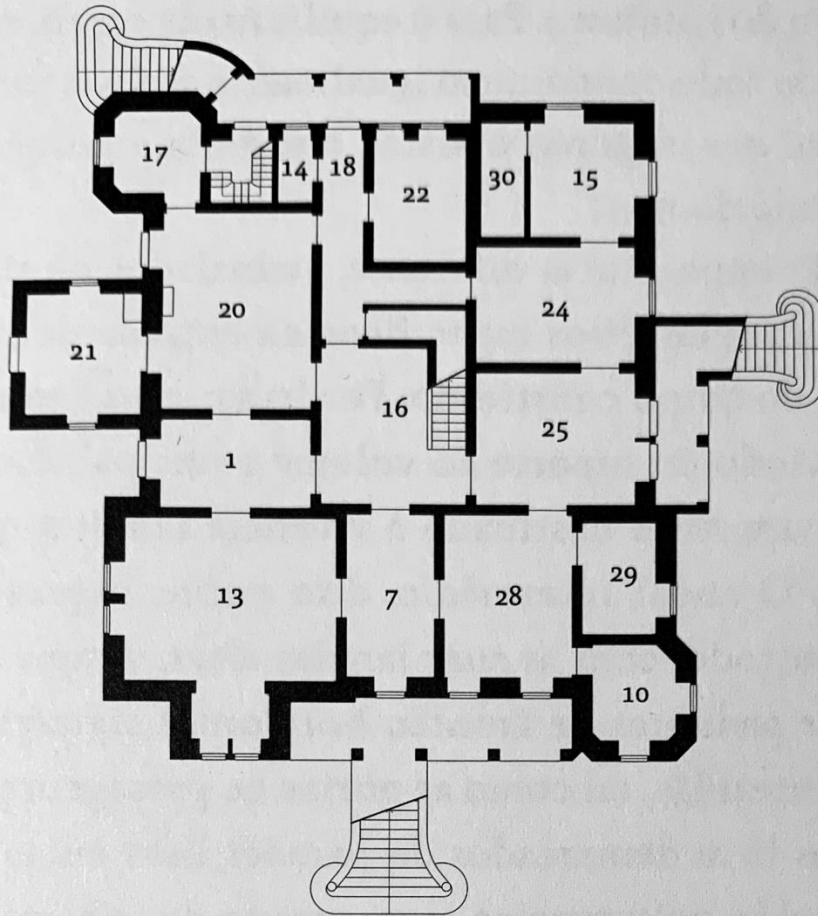
Numa segunda fachada, existe uma outra escadaria, servindo esta o acesso ao jardim e posteriormente uma escada que foi implementada após a conceção inicial do projeto, não ferindo em especto algum os detalhes construtivos da fachada.

A casa, na sua conceção, dispõe de múltiplas entradas, sendo algumas delas ocultadas pelas escadas.

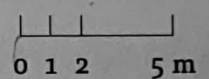
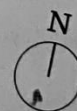
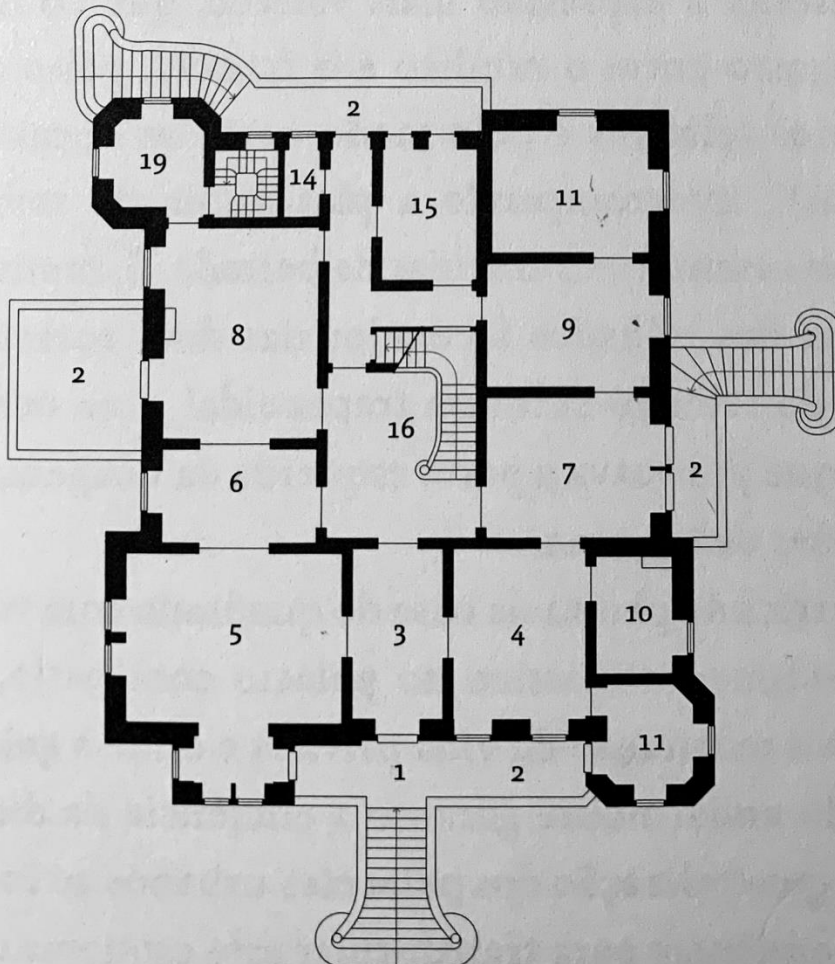
São vários os aspetos de aproximação ao estilo francês, como são exemplo, as paredes de face revestida e ligeiramente rampeada, com um aparelho fino na sua montagem de cunhais recortados, em que a pedra se apresenta em dimensão alterada e como elo de ligação em mata-juntas das alvenarias, sendo este um principio construtivo renascentista que aferia as cinturas fortificadas.

As duas torres apresentam faixas horizontais completas e paralelas, diferenciadas pela diferente pintura.

As varandas são assentes sobre largos pilares de secção quadrada, montados em arcos de grande abatimento, que diminuem a visibilidade para as entradas do andar térreo, sendo este o andar de servindo, mas também é utilizando como sendo uma área social.



- 1 Entrada
- 2 Varanda
- 3 Vestíbulo
- 4 Recepção
- 5 Salão de visitas
- 6 Sala de fumo
- 7 Saleta
- 8 Salão de jantar
- 9 Antecâmara
- 10 Gabinete
- 11 Biblioteca
- 12 Quarto
- 13 Sala de jantar
- 14 Sanitário
- 15 Serviço
- 16 Átrio
- 17 Despensa
- 18 Entradã de serviço
- 19 Copa
- 20 Cozinha velha
- 21 Cozinha nova
- 22 Banho
- 23 Quarto de serviço
- 24 Brunir
- 25 Sala de trabalho
- 26 Sala de jantar
- 27 Saleta
- 28 Sala de estar
- 29 Apoio
- 30 Arrumos



Nesta construção, as janelas e a sua diferenciação bem como a sua variação funcional, evidenciam um detalhe caracterizador na simetria da casa.

A plantada em forma quadra e seu esquema organizacional, promovem recortes em função da ligação exterior e interior.

A estrutura espacial, é composta por três andares, com funções distintas.

No nível térreo, a casa não tem evidencia exterior e ali decorrem todas as atividades quotidianas, deste a cozinha aos trabalhos domésticos.

O piso intermédio onde se encontra a entrada principal a sul, tem as zonas mais representativa a nível social, tais como sala de jantar ou onde se promovem ainda quaisquer outros eventos, de relevante importância.

O acesso ao último piso, é feito através do átrio, que como núcleo central, recebe a escada ao estilo barroco, colocada em posição envolvente acompanhando as paredes decoradas no acesso aos quartos.

Este palacete, dominou durante trinta anos a freguesia de Canidelo, sendo uma referência local.

Ao longo desses trinta anos, esta casa sofreu naturais alterações a nível funcional no seu interior, bem como no seu exterior.

Após a morte do proprietário, e desagregação familiar que deu origem ao abandono da casa por parte destes, acabou também toda atividade rural, produtiva, instalada naquela quinta, a sua posterior venda ditou a ruína do palacete, que culminou num incendio que aniquilou grande parte do imóvel e toda a sua componente arbórea.

No entanto, apos algum tempo de abandono, o espaço foi aproveitado e tem funcionado até a presente data como uma open house que recebe visitas de forma regular.

Deste modo e mais uma vez, podemos comprovar que a arquitetura erudita, responde não só a um programa e funções estáticas, mas possibilita também a evolução do mesmo.



Figura 29 – Fachada da Igreja de S. Bento da Vitória, Voltada para a Rua de S. Bento

II.3 - MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA VITORIA

Em pleno coração do Porto, na Freguesia da Vitoria, fica situado o mosteiro de São Bento da Vitória, que em 1977 se torna num dos monumentos religiosos mais importantes da cidade invicta, ao ser classificado como um monumento nacional.

É edificado pelos monges da antiga congregação beneditina portuguesa, no final do século XVI, após árduas negociações episcopais.

Visa marcar uma forte presença monástica e simultaneamente servir como ponto de apoio para os religiosos que viajavam de Norte para Sul e Vice-Versa.

Esta urbe apresentava-se como um dos principais locais de culto dando abrigo a ilustres monges versados em música e canto, sendo criada inclusive uma escola em que estes monges exerciam a sua atividade docente.

Esta vertente académica, era complementada e ao mesmo tempo enriquecida, quer pelo seu imponente e emblemático órgão, quer pela sumptuosidade do mosteiro propriamente dita, que o elevam a um superior patamar eclesiástico.

Em 1598, e após a autorização regia, o projeto é atribuído ao arquiteto Diogo Marques Lucas, discípulo de Filipe Tersi.

Os trabalhos de construção, começam em 1604 e estendem-se até ao final do século. A igreja adjacente, vem em 1963, complementar o mosteiro, mas apenas no final do século XVIII se torna completo.

Em 1608, é colocada a primeira pedra no Claustro e Nobre, sendo concluído no triénio, compreendido entre 1725 e 1728.

Em 1808 e durante a guerra peninsular, o mosteiro é convertido num hospital militar e em 1835 são definitivamente expulsas as ordens religiosas e sofre nova transformação no seu espaço e torna-se num tribunal militar e casa de reclusão.

Posteriormente é ainda modificado para quartel de infantaria 31 e quartel de engenharia.

O IPPAR, entre 1985 e 1990, promove obras de restauro encabeçadas pelos arquitetos Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, que respeitaram o traçado original bem como muitos outros elementos de valia arquitetónica.

Esta intervenção do IPPAR, permitiu a instalação dos monges beneditinos, da orquestra nacional do Porto e permitiu também receber o arquivo distrital do Porto.

Desde o início da sua construção, destinado então a um uso coletivo, até a atualidade, o mosteiro tem vindo a sofrer várias transformações espaciais que lhe foram permitindo ter utilizações diversas, como foi já anteriormente descrito, sendo um perfeito exemplo da arquitetura erudita.



Figura 30 – Claustro Nobre de S. Bento da Vitória

Em 2001, o Claustro Nobre, é coberto por uma concha acústica, estrutura metálica em aço assente em 4 pilares, sendo-lhe também colocado um soalho em

madeira. Tudo isto acontece, em virtude de nesse ano, o Porto se ter tornado capital Europeia da cultura.

O estado em 2007, atribui ao TNSJ parte significativa do edifício, para que o mesmo receba espetáculos teatrais e eventos especiais, acolhendo ainda outras iniciativas de natureza diversa.



Figura 31 – Casa Serralves, 1944 (Porto)



Figura 32 – Casa Serralves, Elementos curvos

II.4 - CASA SERRALVES

A casa Serralves e o parque envolvente são o perfeito exemplo da arquitetura erudita, uma vez que, do seu uso de casa unifamiliar, foi posteriormente transformada ao longo do tempo em algo perfeitamente diverso.

O parque de Serralves tem 18 hectares e é composto por jardins formais, matas e uma quinta tradicional.

Foi um projeto encomendado pelo segundo Conde de Vizela, Carlos Alberto Cabral, ao que se sabe, ao Arquiteto Francês Charles Siclis, que foi decisivo na conceção global do projeto, e a José Marques da Silva, que o desenvolveu, alterou e executou.

Este projeto resulta do aumento de uma casa original do ano de 1918 e de uma capela de 1882 existente, que foi emparedada e disfarçada. O mesmo teve início em 1927, com arquiteto Marques da Silva que já trabalhava para a família Cabral na altura.

Carlos Alberto Cabral, Jaques Émile Ruhlmann e posteriormente Alfred Porteneuve, seu sobrinho, também têm intervenção no projeto.

Mais uma vez Emile Ruhlmann, René Lalique, Edgar Brandt, Ivan da Silva Bruhns, Jules Lalec, Jean Persel e Raymond Subes, todos eles considerados os maiores interpretes a nível europeu, da Art Deco, foram intervenientes no mobiliário no interior da casa.

Carlos Alberto e a sua mulher Blanche Daubin, instalam-se na casa em 1944, habitando a casa por apenas onze anos, sendo vendida a Delfin Ferreira, mas com a exigência de que a propriedade não sofresse qualquer tipo de transformação, sendo esse compromisso completamente respeitado. Grande parte da mobília foi depois leiloadada e encontra-se na atualidade, completamente dispersa.

O estado português em 1987, compra a propriedade aos herdeiros de Delfin Ferreira, para a transformar num museu de arte moderna, sendo aberta ao público no mesmo ano, e funciona como museu até o ano de 1999.

A maior fachada da casa apresenta-se pela rua de Serralves, observando o jardim. O interior é composto por três pisos, onde predomina a pedra lioz. Ao deslizar-mos pelo eixo nascente poente, no piso térreo, ao fundo, avistamos a sala de estar.

O Hall Central com pé direito duplo, é o coração da casa, a sala de estar está alinhada com o parterre poente, no eixo norte / sul, temos a sala de jantar.

No piso enterrado, temos a cozinha, a despensa, e as áreas de serviço. No primeiro piso temos a aérea privada.



Figura 33 e 34 – Casa Serralves, Vista da Sala com Direito Duplo



Na entrada principal, temos uma pala em vidro, que articula com a porta e um alargamento semicircular do muro.

A outra entrada existente, conduz-nos a um pátio encastrado entre os volumes do edifício, articulando e distribuindo, o espaço ao longo do eixo maior da casa.

O parterre, é composto por canteiros, planos de água, campo de ténis, zonas arejadas e frescas, traçado original de Marques da Silva. O lago da Quinta do Mato-sete tem um traçado sinuoso e romântico, o que faz com que haja uma ligação entre os dois estilos de jardim, Art Deco e Romantismo do século XIX.

A escada de ligação entre os pisos, é toda revestida em mármore, com excecional insolação que armazena e redistribui o calor no sentido vertical.

O quarto de banho de planta circular, te acessos por vários aposentos, as suites têm divisórias deslizantes embutidas na parede, onde o mecanismo de deslizamento é perfeito, não se notando o peso da divisória.

Nota-se ainda a integração escultural de linhas curvas em alguns compartimentos da casa.

A Casa Serralves conquistou o seu estatuto de museu, por direito próprio, em virtude da sua arquitetura e design, com grande rigor decorativo e qualidade de materiais.



Figura 35 – Villa Savoye, Fachada principal



Figura 36 – Villa Savoye, Fachada Lateral

II.5 - VILLA SAVOYE

Parte de um extenso património francês, Villa Savoye, tornou-se após trinta e cinco anos, um testemunho da arquitetura moderna, e um monumento nacional.

Charles Edouard Janneret-Gris "Le Corbusier", projetou esta habitação, para aquilo que seria, um refúgio de fim de semana para o casal Savoye, dois banqueiros que lhe deram total liberdade para o projeto.

Villa Savoye, é uma das quatro vilas brancas, moradias unifamiliares, que partindo da perspetiva da casa enquanto máquina de habitar, foram o expoente máximo da investigação de novos meios de produção e arquitetura doméstica, que proporcionavam uma limitada e correta existência mínima aos seus habitantes.

Maison-Dom-ino e Maison Citrohan representam as suas ideias em outros projetos da sua autoria.

Com uma esplendida vista sobre o vale do sena e assente num terreno plano, com um volume em forma de prisma, sobre uma planta quadrada e sobre pilares, encontramos no piso térreo a zona de serviço, que se recolhe atrás de uma parede curva e que traduz o eixo principal da casa.

O acesso ao primeiro e também principal piso da casa é feita através de uma rampa, onde se encontram os quartos, a sala de estar e um jardim interior parcialmente coberto.

O acesso ao piso seguinte, é novamente feito através da rampa que continua a subir até ao segundo andar onde se encontra o terraço, que se fecha com uma nova parede curva.

Ao lado desta rampa que atravessa a casa, existe uma escada de serviço, que completa a circulação vertical.

Na Villa Savoye, Le Corbusier usou os seus reconhecidos cinco pontos da nova arquitetura.

- O uso de pilotes onde substituiu as paredes de suporte por uma grade de colunas de suporte de concreto armado, designados por pilotes que veio proporcionar um maior espaço aberto, criando uma caixa suspensa.
- Plano aberto livre em que através do concreto armado e palafitas, deixa o interior da Villa aberto.
- Projeto gratuito da fachada em que existe uma estrutura de suporte da carga livre, perdendo a sua função para o exterior.
- Janelas horizontais que em virtude das fachadas sem carga, puderam ser projetadas as janelas horizontais longas e em que nesta habitação os quartos são iluminados de forma igual e onde existe uma visão seletiva do ambiente circundante.



Figura 37 – Villa Savoye, Vista das escadas e da rampa



Figura 38 – Villa Savoye – Terraço com jardim

- Jardim de telhado, onde a natureza é trazida para dentro de casa por o telhado ser plano e com bastante espaço para as plantas, sendo assim e desta forma devolvido o espaço verde á natureza.

Todos esses cinco pontos foram formulados em 1926 e significaram o início da arquitetura moderna do século XX, que surge com uma nova abordagem para o design da arquitetura doméstica que proporciona enormes quantidades de luz, ar e espaço, com imensas aberturas na construção das fachadas, ficando assim o interior liberto das estruturas de concreto armado do poste e da viga.

Está villa, assim como os casos de estudo anteriormente referidos, foi convertida num museu onde matem intactos todos os seus traços originais, como os armários, casas de banho e a chaise longue desenhada por Le Corbusier e Charlotte Perriand. Em suma, a tónica do arquiteto suíço-francês centrava-se na qualidade assimétrica da espiral.

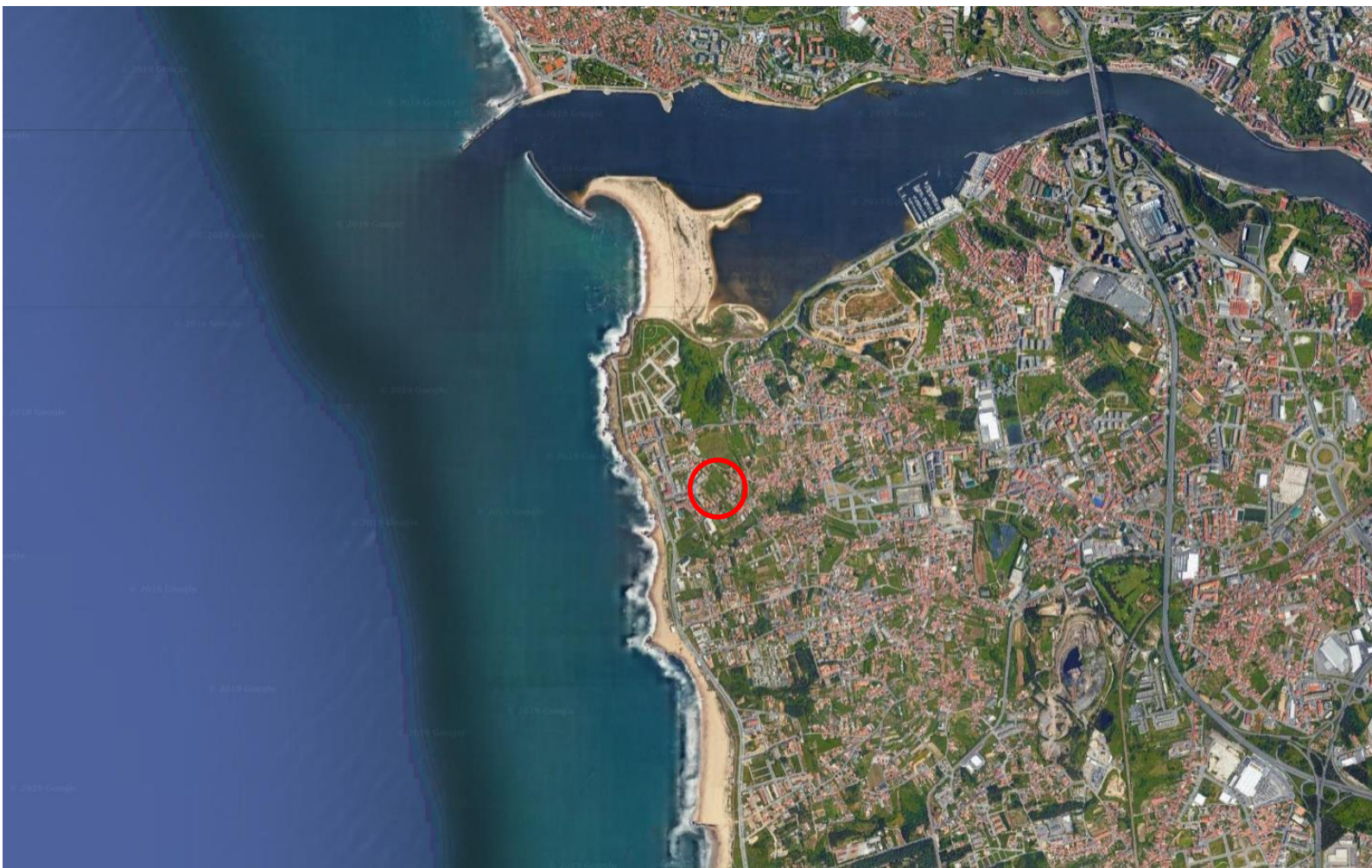



Figura 39 – Planta de enquadramento  - Área de intervenção

CAPÍTULO III – O ENQUADRAMENTO TERRITORIAL

III.1 – O TERRITÓRIO

A área de intervenção está localizada em Lavadores, na Freguesia de Canidelo, pertencente ao Conselho de Vila Nova de Gaia.

Vila Nova de Gaia, é um município e cidade portuguesa da área metropolitana do Porto e da Região Norte com cerca de 302.324 habitantes no seu perímetro urbano, está situado na frente atlântica do vale terminal do Rio Douro na margem sul, tendo do outro lado do rio os municípios do Porto e de Gondomar.

A mesma originou pela junção de dois povos distintos, Gaia e Vila Nova que foi elevada a cidade no dia 28 de junho de 1984. Este município já existia no século XIII, e não sofreu alterações significativas na sua área e desde então ocupa o mesmo espaço físico, sendo o maior da área metropolitana do Porto.

O conselho de Vila Nova de Gaia está subdividido por 15 freguesias, nomeadamente, Arcozelo, Avintes, Canelas, Canidelo, Grijó e Sermonde, Gulpilhares e Valadares, Madalena, Mafamude e Vilar do Paraíso, Oliveira do Douro, Pedroso e Seixezelo, Sandim, Santa Marinha e São Pedro da Afurada, São Félix da Marinha, Serzedo e Perosinho e Vilar de Andorinho.

Para além do Vinho do Porto que é um património comum as duas cidades, Gaia tem e sempre teve uma ligação forte a cidade do Porto, devido ao facto de no passado as famílias burguesas e nobres do Porto terem as suas quintas e casas de férias em Vila nova de Gaia.

Devido ao crescimento económico e melhoria nas comunicações com a margem norte do rio Douro e sobre tudo devido a construção do metro, nos últimos tempos Vila Nova de Gaia tem acolhido a população que trabalha, diariamente no porto.

Gaia, assim como o porto e Matosinhos, formam a frente atlântica do porto que constitui o núcleo mais populacional e urbanizado da área metropolitana do porto, situado no litoral, delimitado, a oeste pelo oceano atlântico.

Quanto ao património cultural, são de assinalar a Igreja da Serra do Pilar, Monte do Castelo, Casa da família Barbot e entre outros.



Figura 40- Rua das Galés

O acesso rodoviário principal faz-se pela A1, o que permite ligações rápidas e diretas aos principais centros urbanos.

As acessibilidades através dos transportes públicos são asseguradas pelo metro, autocarro e pela linha rodoviária que conecta porto a gaia.

Relativamente ao clima, verifica-se que o verão em vila nova de Gaia é agradável, seco e de céu quase sem nuvens.

O inverno é fresco, com precipitação e de céu parcialmente nublado encoberto.

Em geral, ao longo do ano a temperatura varia de 6°C a 24°C e raramente é inferior a 1°C ou superior a 30°C.

Quanto ao solo, o uso habitacional é predominante visto que é uma antiga zona rural.

A zona de intervenção pertence ao solo habitacional, espaço de uso múltiplo habitacional e comercial no que consta da planta de ordenamento do PDM de Vila Nova de Gaia com servidão aeronáutica (Planta de Condicionantes do PDM de Vila Nova de Gaia).


A densidade de construção é bastante significativa, a zona é caracterizada por núcleos rurais, salpicada de habitações unifamiliares de dois a 3 pisos com muros baixos e propriedades agrícolas também delimitadas por muros em granito de maior altura que contribuem para definir o padrão formal de paisagem.

O sistema de mobilidade nesta zona tem como principal estrutura de circulação três conjuntos de vias; vias distribuidoras principais, A1 e A44; via distribuidora secundária, Via8; vias de acesso local tais como Av. Da Beira-Mar, Cais do Cavaco, Rua da Bélgica, dando estés acesso ás habitações e propriedades.

De modo geral, pode verificar-se que a área de intervenção apresenta uma dicotomia bastante elevada a nível de acessos, com autoestradas á poucos metros das vias de acesso local que ligam as habitações.

As vias A1 e A44 por serem vias distribuidoras principais, são de maior dimensão com 3 á 4 filas de transito em cada lado da fixa de rodagem enquanto que as vias secundárias têm apenas 2 fila de transito e as vias locais com apenas uma fila de transito em cada lado.



Figura 41 - Área do terreno = 3040m² 

III.2 - NORMATIVA

Segundo o Plano Diretor Municipal de Vila Nova De Gaia (PDM), a intenção nesta zona tem por objetivo estruturar a expansão urbana de uma forma articulada com as áreas envolventes.

Deste modo, segundo o artigo 38.º, não é permitida a ocupação integral do prédio, com construções, mesmo que em cave, sendo o limite máximo de área de implantação, 75% da área daquele, não contando as áreas de cedência ao domínio público para efeito do cálculo desta percentagem.

Nas áreas urbanizadas de tipologia de moradia, a cércea descrita no artigo 41.º é de um piso acima do solo, podendo ser admitido a cércea de dois pisos, desde que seja garantida uma correta articulação formal com as construções existentes, ou com a transformação prevista no local.

No que toca a implantação de novos edifícios principais, os mesmos deverão ser implantados dentro de uma faixa de 35m, confinante com o espaço público, como esta previsto no artigo 42.º.

A profundidade máxima das construções, exceto alguns casos descrita no Regulamento, ao nível do rés-do-chão, os edifícios com duas frentes não podem exceder os 35m e a profundidade dos pisos acima do rés-do-chão dos edifícios não pode exceder os 17,5m.

Em alguns casos admite-se que a área de implantação se prolongue para além da faixa dos 35 m, apenas podendo ser utilizada para logradouros, anexos, construções secundárias ou implantação de edificação principal, desde que não exceda 30% da área de implantação contida dentro dessa faixa, proposta em conformidade com projeto que tenha aceitação urbanística, não prejudicando o seu futuro aproveitamento urbanístico e mantendo inalterado o perímetro urbano.

As áreas urbanizadas de Tipologia de Moradia descrita no artigo 55.º, compreende-se em duas categorias:

1. Áreas Urbanizadas Consolidadas de Moradias que se caracterizam por serem zonas com edifícios uni ou bifamiliares, isolados, geminados ou em banda com ou sem cave comum, em que o espaço público e as frentes urbanas edificadas que o conformam se apresentam maioritariamente estabilizados, pretendendo-se a manutenção e valorização das malhas e morfologia existentes.
2. As Áreas Urbanizadas Consolidadas de Moradias se caracterizam por serem zonas destinadas a edifícios uni ou bifamiliares, isolados, geminados ou em

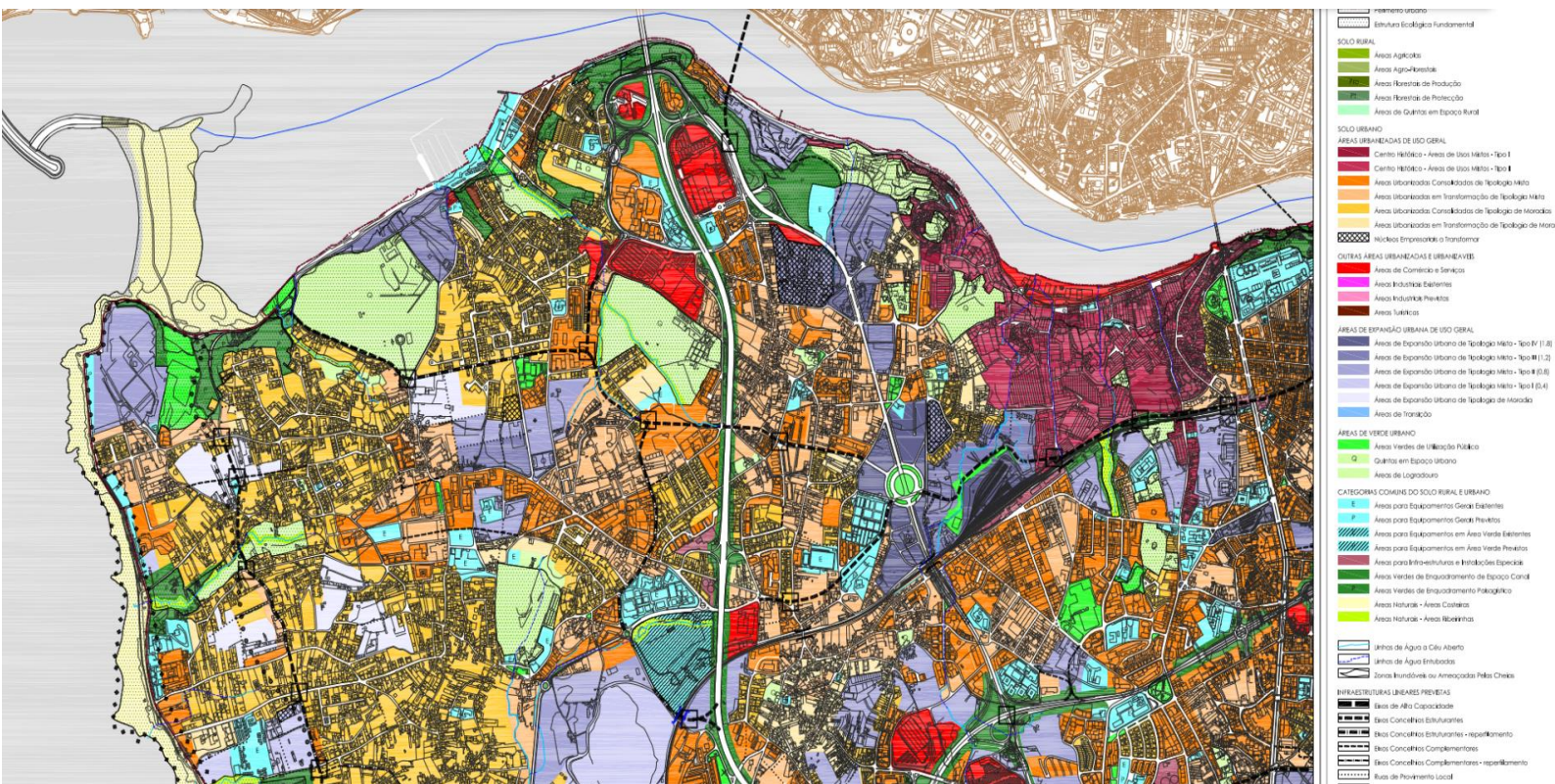


Figura 42 – Planta de Qualificação do Solo

banda com ou sem cave comum, em que o espaço público e as frentes urbanas edificadas que o conformam não se apresentam maioritariamente estabilizados, encontrando-se em processo de transformação construtivo e de uso.

De acordo com o artigo 56.º do Regulamento de Vila Nova de Gaia (julho de 2009), nas áreas urbanizadas de tipologia de moradia, o uso dominante é o habitacional. Os usos e atividades complementares permitidos são os equipamentos e admite-se ainda como compatíveis outros usos que não contrariem o disposto no artigo 12.º exceto armazenagem e indústria.

III.3 - O LUGAR

A área de intervenção está localizada a 300m da praia de Lavadores, Freguesia de Canidelo, do Concelho de Vila Nova de Gaia, e tem como limite a Rua das Galés a Norte e a Rua Pedra torta a sul.

A Praia de Lavadores é uma zona de praia considerada semiurbana, pela proximidade aos edifícios que se foram construindo na sua envolvente. E está localizada na zona Suburbana de Canidelo/ Vila Nova de Gaia.

Com uma imensa extensão de areia e zonas rochosas, a praia de lavadores encontra-se equipada com boas infraestruturas, explanadas bem organizadas e balneários. Toda envolvente a praia está preparada com áreas de espaço verdes, e parque infantil para satisfazer as atividades de tempo livre e lazer das crianças.

Toda área envolvente, encontra-se já consolidada, com construções diferenciadas e dispersas.

É um sítio privilegiado, porque não há atravessamentos de vias, é um lugar de destino que tem uma contemplação com uma proximidade a foz do Rio Douro na margem sul, num sítio extraordinário, com proximidade ao mar e ao rio Douro, numa zona com facilidade de acessos em que tem zonas rurais e é um lugar extraordinário.

Como se percebe na planta de implantação, o terreno é bastante longo com 3040m², e está numa antiga zona rural, salpicada pelas construções unifamiliar, mas que agora na sua frente urbana, devido a esse privilégio de relação com o mar, tem



Figura 43 - Av. Da Beira Mar



Figura 44 - Rua Pedra Torta

se construído uma serie de edifícios de características muito diferentes do que era origem, mas que de certa maneira fazem de barreira para o vento.

O local não apresenta um nível de congestionamento de transito significativo que possa afetar a chegada e saída do terreno, por ser uma zona de destino. As vias não são avenidas nem grandes eixos como autoestradas.

Existe duas ruas de acesso que delimitam o terreno, uma a norte que é a via principal e outra a sul. A rua principal de acesso a casa encontra-se já asfaltada, com lugares de estacionamento e passeio com cerca de 1.50m.

Tem pequenas aldeias, onde se arranjam produtos naturais, e é uma zona de convivência muito tranquila, a uma relação de proximidade com a qualidade ambiental, portanto é o sítio escolhido.

Atualmente, está zona encontra-se dotada de equipamentos e serviços essenciais, nomeadamente, escolas, creches, hotel, restaurante e comércio local.

De modo geral, pode-se dizer que esta zona é autossuficiente no que se refere as dotações do quotidiano.

No que toca ao material viário da zona de intervenção, o material do pavimento altera, passando de alcatrão para cubos de granito, e em alguns casos com alcatrão sem acabamento.

Na via de caracter mais rural, a rua é cercada por muros de pedra de vários tamanhos. A estrada é muito estreita, sinuosa e de sentido único, o que dificulta a ultrapassagem de veículos.

A via passa rapidamente de cubos de granito para alcatrão sem acabamento até ao fim da rua.

Contudo, posso concluir que a envolvente tem zonas de especificidade agrícola, tem um número significativo de habitações, caracterizada por habitações unifamiliares e zonas rurais mais frequentemente usada para plantação de legumes ou cultivo de cereais como milho.

Neste momento está a ser construído edifícios de habitação coletiva na sua frente urbano, devido ao privilégio de relação e proximidade com o mar.

Com o passar dos anos, está zona que antes era uma zona rural tem se tornado uma zona nobre, porque cada vez mais estão sendo construídos habitações tanto de caracter unifamiliar como de caracter coletivo.



Figura 45 - Planta de Localização - Limite de intervenção

III.4 - ÁREA DE INTERVENÇÃO

A zona de intervenção, por ser um lugar de destino, não apresenta um nível significativo de congestionamento de trânsito que possa afetar a chegada e saída do terreno.

O terreno em questão, é bastante longo na sua profundidade, com a área total de 3040m², tendo como limite a rua das Galés a Norte e a rua da Pedra Torta a Sul, que garantem entradas distintas ao mesmo.

A entrada principal de acesso ao mesmo, será feita pela rua das Galés, pelo facto da mesma já estar asfaltada, tendo a faixa de rodagem com 5 metros de largura, zonas de estacionamento, passeios com aproximadamente 1.50 metros largura. A mesma encontra-se alinhada a edifícios de habitação unifamiliar de 2 pisos, e edifícios unifamiliares em banda com 3 pisos.

A rua da Pedra Torta, por ser uma rua apertada, sinuosa e de sentido único, tendo apenas 2.50 metros de largura, em alguns casos, o que dificulta a passagem e ultrapassem de alguns veículos, por não ter lugares de estacionamento e pela mesma não estar devidamente asfaltada, será a entrada secundaria de acesso ao terreno.

O local de intervenção por estar numa antiga zona rural, ainda se entra muitos terrenos vazios, ladeados de muros de pedra que variam de 1 a 2 metros de altura, ainda por construir.

A Parcela com 3040m², encontra-se completamente livre, ladeado por muros de cimento que delimitam os lotes. O terreno, encontra-se completamente livre, sem elementos arbóreos e qualquer vestígio de antigas construções, tem um pequeno declive na sua topografia formando uma pequena bacia com um desnível de 2 metros, da cota mais baixa a cota mais alta. Quanto à geologia, é caracterizada por formações graníticas, o solo é húmido com textura ligeira e por isso fácil de trabalhar.

A partir do ponto mais alto do terreno mais a norte, onde será implantado a casa principal, consegue-se avistar o terreno de uma forma continua, quase que infinita, por não haver ainda construção no ponto mais a sul do terreno.

É de salientar o contraste entre a área de intervenção e a sua envolvente, distinguindo-se pela sua elevação em relação a paisagem quase plana que caracteriza esta zona comparada os terrenos circundantes.

Este aspeto confere-lhe alguma vantagem visual, climática de lugar fresco, refúgio onde a construção de uma segunda habitação poderá ser uma oportunidade de valorização e resguardo.



O terreno está localizado numa zona extraordinária. Fazendo com que haja uma maior liberdade criativa para projetar, com diversas oportunidades e ideias.

Figura 46 – Rua das Galés

Figura 48 – Rua Pedra Torta



Figura 47 – Rua Pedra Torta

Figura 49 – Rua Pedra Torta



Figura 50 –Rua Pedra Torta / Terreno

Figura 51 – Terreno

CAPÍTULO IV - PROGRAMA

IV.1 - PROGRAMA QUALITATIVO

Para a construção desse programa, foi necessário uma ligação e interação entre o cliente e o arquiteto.

A proximidade ao cliente, de certa forma, obrigou-me e levou-me a uma



abordagem e estudo mais aprofundado sobre o tema, com o objetivo de chegar a uma solução arquitetónica que fosse não só de encontro as necessidades do cliente, mas que fosse uma mais valia para arquitetura (erudita).

O projeto passou de uma escala virtual para escala real. O projeto passou a ser real, e com um cliente real bastante participativo.

Desde modo, estava em questão a satisfação, e a realização dos seus sonhos, naquele lugar extraordinário por ele escolhido.

Não posso deixar de dizer, que por se tratar de um projeto real, com a possibilidade de ser construído, fez com que a motivação e entusiasmo para a realização do projeto passasse a ser muito mais interessante e completamente diferente do que se estivesse a fazer um projeto académico.

Passo a citar uma passagem de Siza Vieira que diz "Em consequência, as discussões não terminam com a entrega do projeto, mas prosseguem até no estaleiro. A própria continuidade do diálogo torna este tipo de projeto mais participado e mais humano relativamente às obras institucionais, em que domina uma gestão burocrática. O processo resulta por isso extremamente rico e pouco

abstrato, e, portanto, particularmente interessante. Além disso, a experimentação, que tem início com a construção, encontra no especto psicológico um complemento importante.”

Só existe solução se houver um problema. Por isso é necessário conhecermos o personagem para chegarmos a uma solução arquitetónica que seja favorável para o cliente e conseqüentemente uma mais valia para arquitetura (erudita).

Uma vez que o cliente possuía um certo conhecimento e até domínio da área, por causa da sua vida profissional, tornou o diálogo mais interessante e conseqüentemente a realização do projeto mais difícil.

Lembrando que estamos diante de um projeto real, a solução arquitetónica passa a ser condicionado pelas vontades e ideias bem assentes e definidas do cliente, assim como as suas necessidades. Claro que pode sempre haver uma maneira de contornarmos a situação, mas é um fator importante a ter em conta.

Como todo e qualquer projeto, há momentos de diálogos, momentos de reflexão, e este não foi exceção. Tivemos momentos altos e baixo no decorrer deste processo, houve alturas em que a solução arquitetónica para o cliente não estar melhor, e a certa altura o cliente parecia se já queria tudo diferente. Mas como tudo na vida, faz parte este processo, uma vez que o cliente era bastante participativo, e notava-se o entusiasmo do mesmo na realização do projeto.

Em alguns casos foi necessário recorrermos as maquetes de estudo para que o cliente pudesse vivenciar e imaginar o espaço vendo a tridimensionalidade do edifício. A arquitetura é muito mais do que responder a funções estáticas. É vivenciar e usufruir o espaço.

Um projeto de arquitetura tem de servir há um propósito, por isso tem de ser útil para que o espaço possa ser usufruído e vivenciado, firme o suficiente para assegurar a estrutura e belo para ser apreciado e enriquecer a arquitetura.

A casa é o nosso mundo, é o nosso ninho, é o lugar onde guardamos as nossas memórias mais profundas, é o grande e ao mesmo tempo pequeno espaço vivenciado pelo ser humano.

Projetar uma casa, é muito mais do que responder a funções de um programa estático. É possível responder a funções e fazer um projeto de arquitetura, caso contrário o projeto não passa de uma ideia construída.

Por isso é necessário, conhecermos e nos inteirarmos dos hábitos e rotinas da personagem assim como de todos que irão habitar nela.

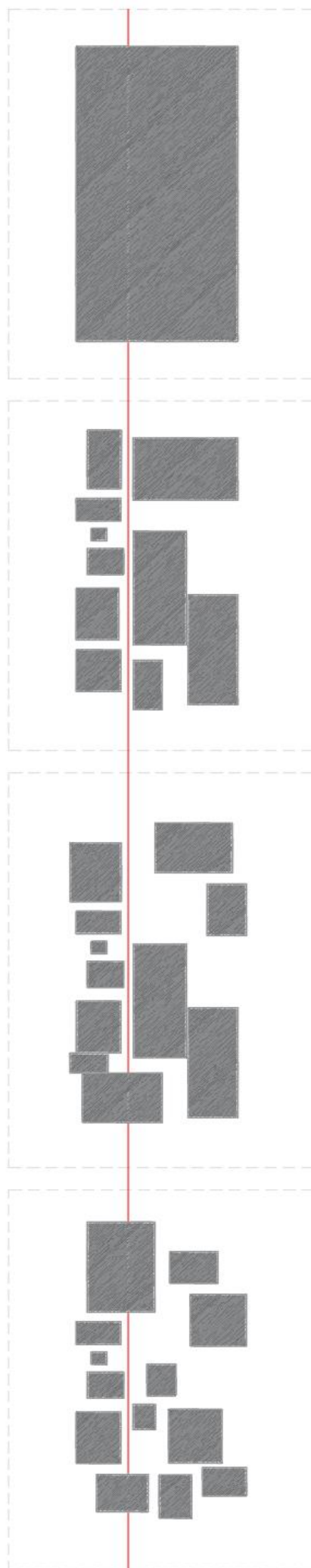
“Temos de saber fazer Arquitetura. Com sentido e com medida. Com pausa e decisão.”⁵ E para que isso aconteça temos de ter os instrumentos de análise bem afinados e conhecer bem os mecanismos de síntese.

A maneira como o arquiteto vivencia a arquitetura, é crucial para se fazer uma obra de arquitetura. A forma como projetamos, se for bem feita, muda vidas, muda o mundo e a arquitetura para melhor. Por isso deve haver certo equilíbrio entre o conhecimento do arquiteto e os desejos do cliente, para que se chegue a um consenso que será a base para elaboração desse processo.

É objetivo desse trabalho projetar uma casa palácio, com zonas de lazer, zonas lúdicas, descanso e uma casa de hóspedes, proposta pelo cliente, que já tinha em

⁵ SIZA VIEIRA, Álvaro – *Imaginar a evidência*, Lisboa: Edições 70, (ed.) 1ª, janeiro de 2015. Pág.43.

Figura 52 - Diagrama Esquemática



sua posse um terreno a venda, quando decidiu então propor-me este desafio. A casa é de carácter privada e será projetada para uso próprio.

Apesar de se tratar de uma casa palácio, o projeto mantém presente a essência da casa, como o fogo que aquece e reúne a família, as paredes que protegem, os elementos divisórios, que criam espaços e zonas de refúgio, grandes vãos que transportam a natureza para o interior.

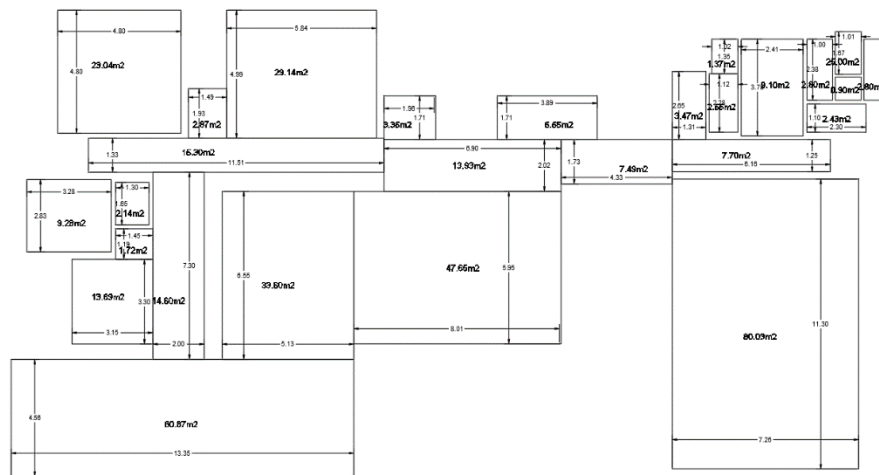
Contudo, este projeto, não se compara a dimensão de um museu, ou até mesmo um hospital, mas note-se que o programa de uma casa erudita, à semelhança do que foram outros programas eruditos ao longo da história, as casas eruditas: sejam mosteiros, sejam os palácios, esses edifícios, são oportunidades que arquitetura tem de poder evoluir funcionalmente.

E este edifício, está feito para amanhã poder ser uma instituição de ensino, ou pode ser amanhã um espaço turístico, um espaço cultural e entre outros espaços. A oportunidade da arquitetura erudita proporciona evolução.

É de salientar que o terreno está localizado numa zona privilegiada tanto a nível topográfico, como a nível climático, o que se torna um privilégio com grandes vantagens.

Neste caso, por ser um projeto excepcional e pelo facto de haver uma grande proximidade com cliente, torna o projeto mais complexo e mais fácil de intervenção, em questões burocráticas e aspetos financeiros que pudessem interferir no processo do mesmo.

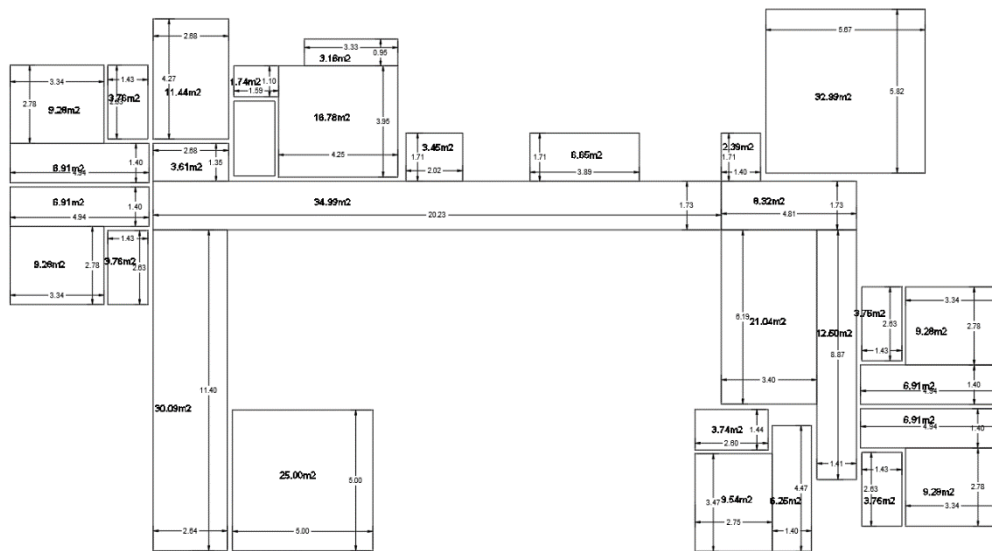
De acordo com o artigo 55º do regulamento de Vila Nova de Gaia (julho de 2009), esta zona está identificada como áreas urbanizadas consolidadas de moradias, que se caracterizam por serem zonas destinadas a edifícios uni ou



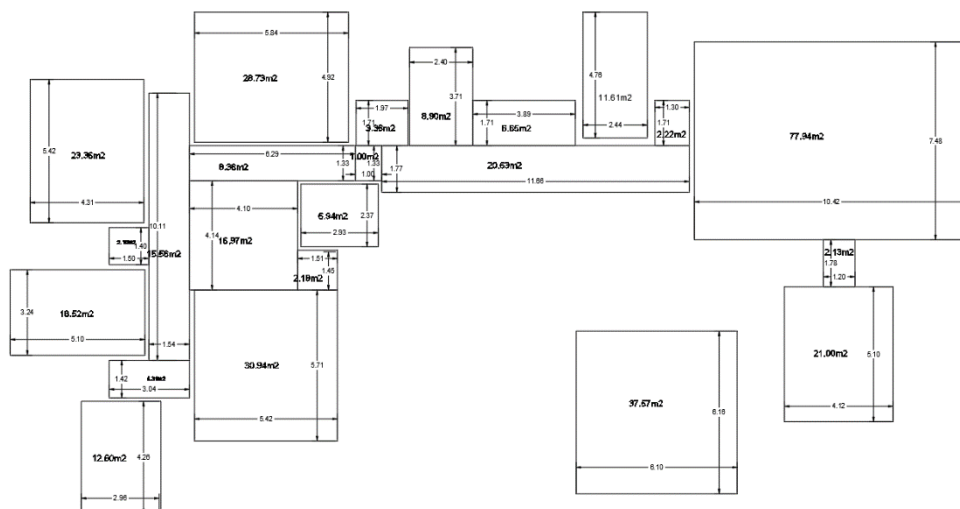
bifamiliares, isolados, geminados ou em banda com ou sem cave comum, em que o espaço público e as frentes urbanas edificadas que o conformam se apresentam maioritariamente estabilizados.

De modo a responder ao programa e tendo em conta as vontades e desejos do cliente, e devido o mesmo ser uma personagem singular, com uma família vasta, mas com característica muito pessoais, muito relacionada, muito viajada, constantemente a ir fora. Uma pessoa realmente com as suas rotinas, para além da questão empresarial, dos serviços externos que passa, a casa tem estratificações, tem estratos funcionais diversificados.

Piso 0 – Área Social



Piso 1 – Área Privada



Piso 2 – Área íntima

- Há zonas mais coletivas, há zonas mais privadas
- Há zonas mais de convívio, há zonas mais de repouso
- Há zonas lúdicas externas, há zonas de aproximação externa
- Tem zonas altas verticais, tem zonas horizontais
- Tem zonas exteriores, tem zonas interiores
- Tem zonas mais íntimas, tem zonas mais públicas

O cliente é um privilegiado? É., mas a arquitetura beneficia muito com esses privilégios.

IV.2 - PROGRAMA QUANTITATIVO

A ocupação do solo teve em conta a todos os artigos descritos no PDM, assim como suas restrições.

Assim sendo, seguindo o regulamento, de forma a privilegiar os aspetos mais característicos desse terreno, foram mantidas as formas topográficas do terreno com pequenos ajustes.

O terreno ocupa uma área total de 3.040 m², sendo que a área bruta construída é de mais ou menos 1.640m².

O piso-1 destinado a garagem, tem a área total construída de 600m². O piso térreo ocupa um total de 420m², dividido pelas salas, cozinhas e outros compartimentos. O primeiro piso destinado aos quartos, a zona privada, ficou com 317m². O piso superior que é a zona de intimidade do casal, tem um total de 300m² de área construída.

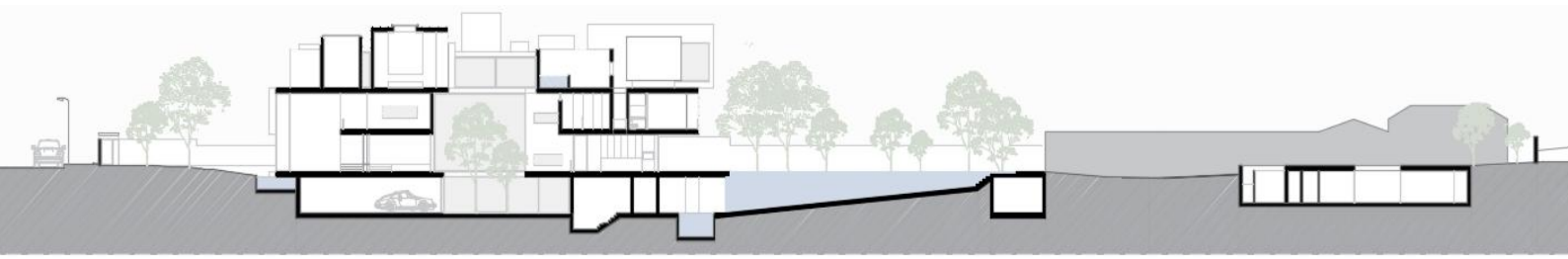


Figura 54 – Corte Longitudinal

CAPÍTULO V - CONCEITO E SOLUÇÃO ARQUITETÓNICA

V.1 – O CONCEITO

O processo de um trabalho é cíclico e direcional, porque a um objetivo a ser atingido que é o projeto arquitetónico.

Em todo e qualquer trabalho existem premissas que lhe são próprias, e a realização de um projeto de arquitetura não é exceção, pois existe um programa na qual deve ser atendido, existe um lugar para ser implantado o edifício e por fim a construção do edifício.

Todos esses fatores, fazem parte de um processo gráfico que recorre a desenhos, que serve de mediador entre a ideia de arquitetura(projeto) e a ideia construída(construção).

Após um diálogo mais abrangente sobre arquitetura com o cliente, chegou o momento de falarmos um pouco do conceito de casa e lar, e o que para ele seria uma casa de sonhos, afim de perceber o seu modo de vida, as suas rotinas, o número de pessoas que frequentemente irá habitar a casa, saber um pouco da personalidade de cada uma delas, quais as suas prioridades, vontades, necessidades e entre outras coisas que fossem cruciais para responder com clareza e exatidão ao programa de uma casa erudita.

Deste modo, conclui-se que frequentemente a casa será habitada por 4 pessoas e temporariamente será habitada por 8 pessoas, nomeadamente o cliente, a sua esposa e seus filhos, com exceção dos finais de semana que o cliente receberá a sua família e amigos e aí sim, terá a casa cheia.

A interpretação que foi feita do lugar e a forma com que a mesma foi compreendida, contribuíram para que gerasse a ideia conceptual e consequentemente o espaço arquitetónico.

A forma e disposição solar do terreno, a topografia sinuosa, a relação com a mancha urbana envolvente, a proximidade ao mar o clima e entre outros fatores naturais inerentes, levaram a diretrizes latentes que culminaram para obtenção da forma pretendida, e assim determinar aquela que seria a linha mestra a seguir.

O projeto conceptual, parte de uma ideia de erupção e erosão. Positivo e negativo. Emersão e submersão. Aparecer e desaparecer. Uma espécie de Yin Yang. Que procura estabelecer uma ligação entre a casa principal e a casa de hospedes a partir dos espaços exteriores que por sua vez, não separam, mas unem esses espaços de habitar, tornando o projeto único e atrativo.

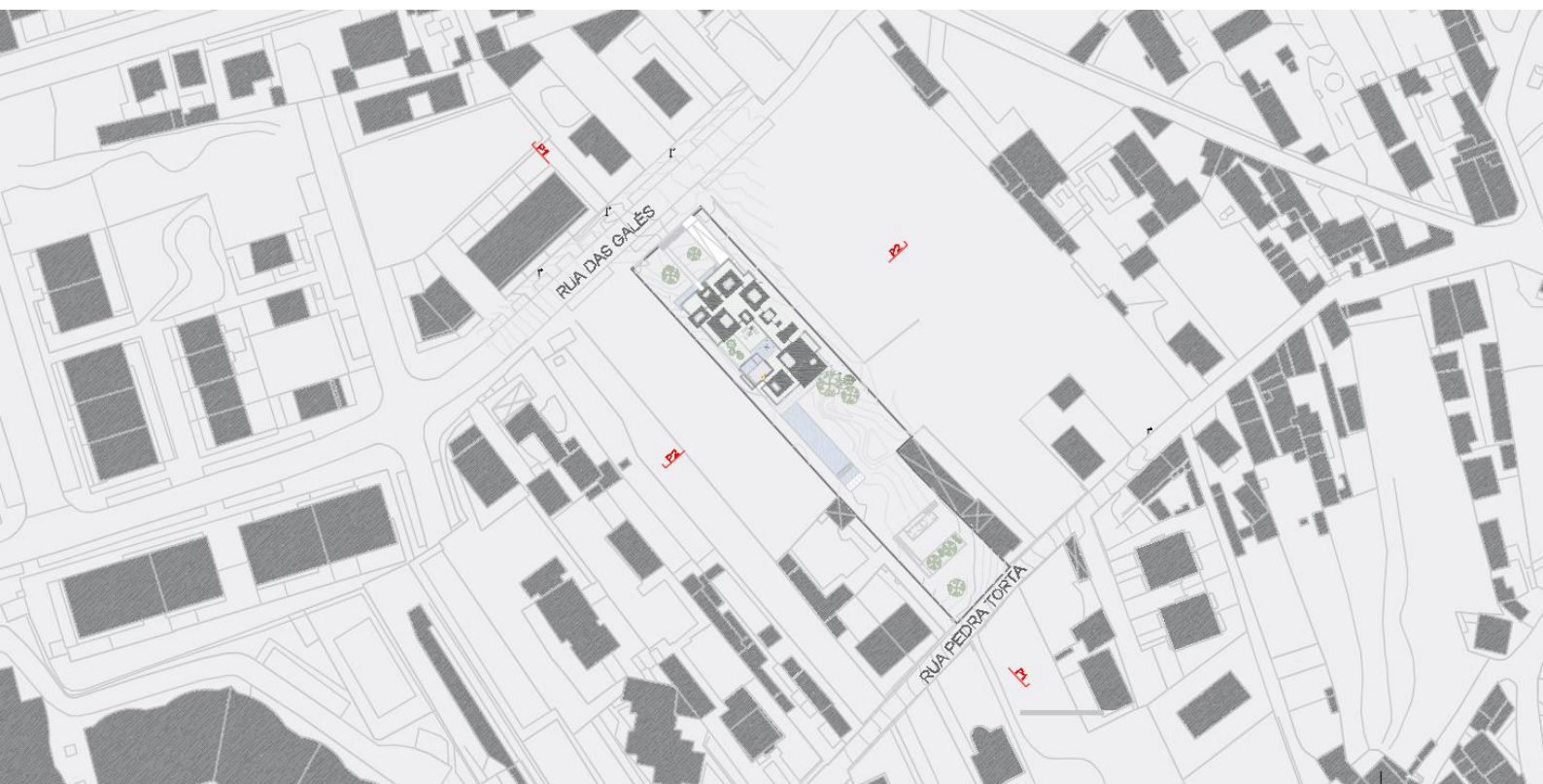


Figura 55 – Planta Síntese da proposta

A ideia do projeto consiste numa fragmentação que já existe na mancha urbana envolvente salpicada por construções unifamiliares. Ao invés de ser um edifício único e compacto há uma fragmentação.

E a partir dessa fragmentação, percebe-se que existe um antagonismo muito grande. Se tem espaços livres, tem uma casa que emerge e uma casa que enterra. Criando uma espécie de positivo e negativo.

Todo o programa de necessidade foi distribuído em quatro pavimentos e em quatro sectores distintos nomeadamente: zona íntima, social, serviço e lazer.

Essa distribuição e separação funcional, está presente na composição volumétrica, onde a intenção foi dispersar os volumes apoiados sobre o piso inferior, seguindo critérios de vistas para o exterior e melhor orientação solar, permitindo continuidade entre espaços sociais, aos mesmo tempo que define áreas de lazer em continuidade com o exterior.

A organização no interior do edificio é muito clara e livre, com espaços amplos e bem articulados.

Temos um piso inferior, onde um pátio escava o terreno e transporta a luz para a zona de serviços e estacionamento, mas que, é mais do que isso, porque também é usada como sendo um espaço lúdico, com sala polivalente, adega piscina interior, sala de cinema e entre outros espaços.

Ao nível do piso de entrada, temos um espaço muito mais permeável que permite ter as transparências, onde os jogos de volumes, criam espaço para as escadas principais e o elevador que são elementos verticais que fazem a ligação entre todos os pisos. A sala de estar é caracterizada pela verticalidade, evidenciando o pé direito duplo que oferece transparência entre os pisos.

No piso intermédio, temos um piso que é definido por volumes, que balançam sobre o piso inferior, quase que pequenas unidades individualizadas com vistas sobre a envolvente para os vários residentes, mas que beneficia e privilegia da relação vertical entre os vários pisos.

E temos o piso superior, como sendo a zona mais íntima da casa. Aquela que lhe chamamos o ninho das águias, onde encontramos o quarto do casal, o ginásio, sala de boxe e um pátio com piscina com vista sobre o terreno.

Em oposição a erupção que é criada pela casa principal, que é caracterizada pela horizontalidade, verticalizada e fragmentação, temos uma erosão criada pela casa de hospedes que é um volume compacto enterrado.

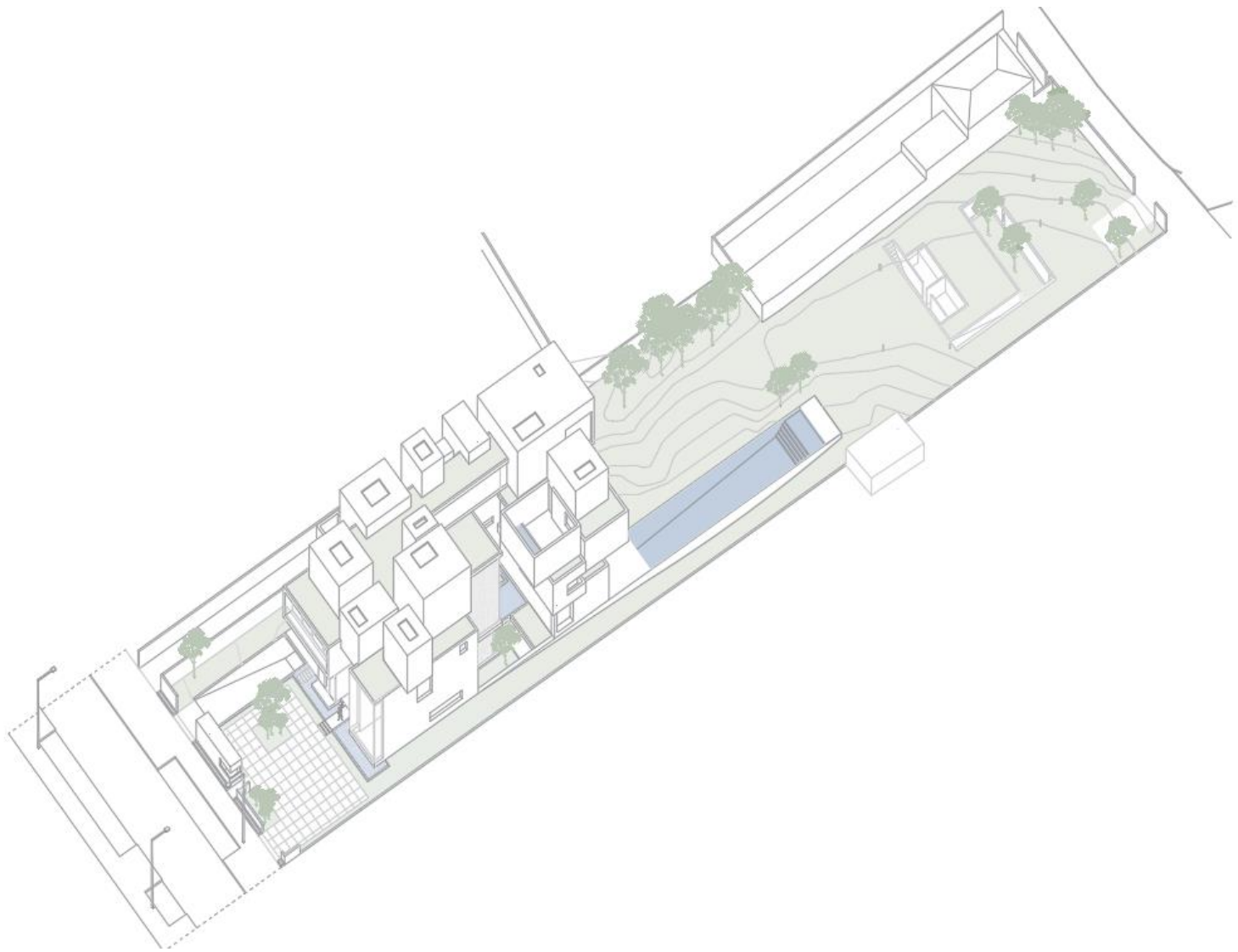


Figura 56 – Axonometria

A ideia de criar um espaço que fosse de uso exclusivo para os hóspedes, surge do cliente, devido o facto do mesmo ter uma família vasta e gostar de conviver e reunir com a família e amigos.

Desde modo, decidimos não só criar um programa separado da casa principal para a casa de hóspedes como também, criar um certo divorcio entre ambas que logo é unida e reconciliada pelos espaços exteriores.

Uma vez que o terreno possui duas frentes, foi fácil definir o local onde seria implantado a casa de hóspedes, de forma a garantir a privacidade e tornando a mesma autónoma.

Deste modo, após alguns estudos e soluções apresentadas e discutidas com o cliente, surge a ideia de criar um edifício compacto e enterrado rasgado por um pátio que transporta a luz para o interior, criando assim um espaço íntimo e exclusivo para os hóspedes, garantindo-lhes a privacidade e o acesso através de uma rampa que garante a mobilidade condicionada.

O programa foi distribuído por um pavimento contendo, seis suites, uma sala comum, cozinha casa de banho de apoio e uma lavandaria e dois canis para os cães.

V.2 – PROGRAMA DA CASA

O programa da casa como um todo, foi traçado em concordância com o cliente, onde a ideia foi criar percursos, assim como vários momentos de descoberta.

Deste modo, temos um primeiro momento que é o terreiro de entrada, o segundo momento que a casa principal, temos o pátio que escava o terreno e transporta a luz para a garagem como o terceiro momento, a zona lúdica da casa como sendo o quarto momento e por fim a casa de Hóspedes.

V.2.1 – TERREIRO DE ENTRADA

A ideia foi criar um espaço amplo, quase plano, que se estende do muro até a entrada da casa, com elementos arbóreos, criando um percurso pedonal de ligação entre o público e o privado, afastando assim a casa da rua, garantindo-lhe privacidade.



Figura 57 – Axonometria explodida casa principal

V.2.2 – CASA PRINCIPAL

A Casa Principal está disposta em camadas, ou seja, ela tem estratos funcionais diversificados. A nível do piso térreo, temos o Hall de entrada que garante a distribuição para o escritório, a Cozinha, e a Sala de Jantar a uma cota mais alta, ao mesmo tempo que projeta a visão para o fundo da Sala de Estar, e um aquário que serve de barreira física, filtrando a nossa visão.

Na cota inferior, temos as salas de Tv e de Estar com pé direito duplo, Sala de Convívio que se estende para o exterior, a caixa de escadas e o elevador que garantem a circulação vertical, dois lavabos, um de apoio a sala de Convívio e outro de apoio ao escritório, uma despensa para armazenar os alimentos, lavanderia para tratamento da roupa, instalações sanitárias de uso externo.

No piso inferior, temos um pátio que transporta a luz para o interior do edifício, garantindo a luz direta e garagem e Sala Polivalente, temos uma adega, um quarto de massagem com uma casa de banho e arrumos / Closet, Sala de cinema, piscina interior com banho turco, sauna, casa de banho de apoio, casa das máquinas e uma zona de arrumos.

A nível do primeiro piso, temos a zona privada, disposta de várias unidades individualizadas que balançam sobre o piso inferior, com seis suites, quarto de brinquedo para os mais pequeninos, sala de descanso/Estudo, um closet, uma biblioteca e terraços acessíveis.

E por fim temos o segundo, que é o lugar mais íntimo da casa, onde encontramos a suite master que está disposta de dois closets, casa de banho, um camarim, quarto, Sala de Tv, jacuzzi e terraços acessíveis, sala de Boxe, Ginásio, Pátio com piscina.

V.2.3 – ZONA LÚDICA

A infância é a idade de brincadeiras. Por meio dela a criança satisfaz em grande parte seus interesses, necessidades e desejos particulares, sendo um meio de inserção na realidade.

Por este motivo, a zona lúdica foi pensada não só como um espaço verde com zonas e elementos arbóreos, espaço de lazer, diversão, banhos de piscina, mas também como um elemento exterior de união entre a casa principal e casa de hóspedes.

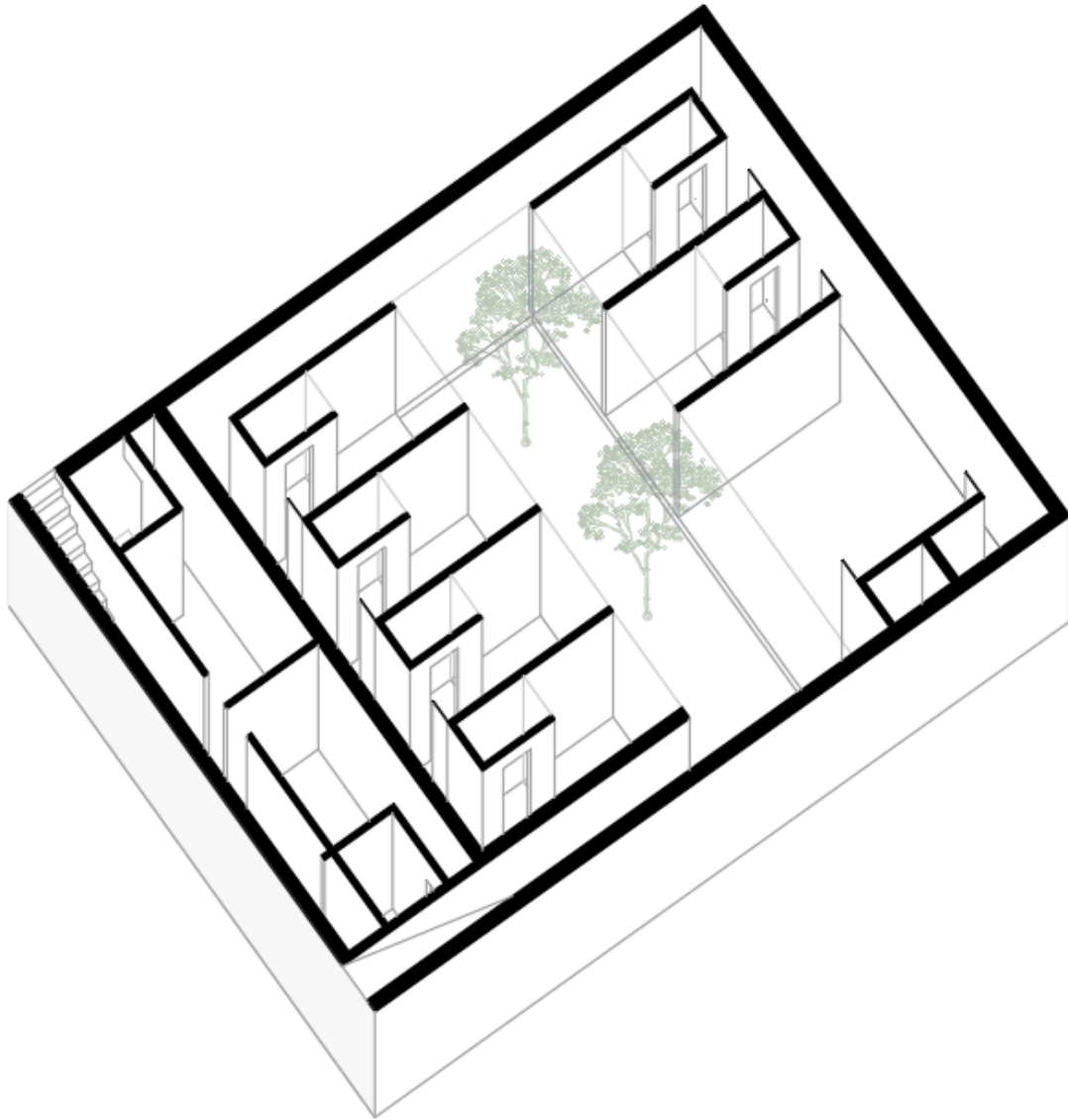


Figura 58 – Axonometria da Casa de Hospedes

V.2.3 – CASA DE HOSPEDES

Com o objetivo de projetar uma casa que fosse o oposto da casa principal, surge a ideia de criar um volume enterrada, onde um pátio central, transporta a luz para o interior da habitação.

Assim sendo, uma rampa garante o acesso a casa de hospedes, enquanto que do outro lado uma escada garante o acesso ao canil. A casa com um piso, tem seis suites, uma sala comum com uma bancada para a cozinha, um lavabo e uma lavanderia.

V.3 – O SISTEMA CONSTRUTIVO

É verdade que graças a engenharia e as suas técnicas utilizadas, hoje em dia é possível a construção de quase tudo. E porque não dizer tudo.

Quando estamos a projetar um edifício é muito importante termos noções estruturais e até mesmo estar em contacto com um engenheiro, para que a ideia do projeto não seja afetada e seja possível executar tudo tal como está previsto no projeto.

Assim sendo, todo estudo prévio, foi feito pensando na parte estrutural, como vigas, lajes e pilares, para que não houvesse grandes alterações na execução do projeto.

Numa fase mais avançada, foi necessário o contacto com o engenheiro, para definir a sistema estrutural, quais os melhores materiais a serem utilizados, saber quais os cuidados e pormenores a ter em conta no projeto, para que o mesmo fosse finalizado com êxito e assim evitar grandes alterações no momento da construção.

Esta zona, pelo facto de ser uma antiga zona rural, não existe matérias típicos da região, gerando assim edifícios com materiais de construções diversificado.

Deste modo, a solução construtiva pensada para este projeto será executada mediante as regras da boa construção, sendo os materiais a utilizar compatíveis em qualidade e fiabilidade com a função a desempenhar, não pondo em causa a qualidade da obra.

As fundações correspondentes aos pilares estruturais serão em betão armado conforme determina o projeto de estabilidade, sendo convenientemente hidrófugas para efeito de impermeabilização.

Os pavimentos em contacto com o terreno serão em betonilha assente sobre camada de brita com espessura de 0.15m bem calcada e massame de betão impermeabilizado com cimento hidrófugo e camada de Flintcote.

Os restantes pavimentos serão em laje de betão armado conforme especificado no projeto de estabilidade apresentados.

Todas as alvenarias serão em tijolo cerâmico vazado. As paredes exteriores preenchendo a estrutura, todas as paredes exteriores terão uma espessura de 0,15m, prevendo a execução de uma caixa de ar, bem como o seu preenchimento parcial com isolamento tipo poliestireno extrudido.

As paredes interiores, os tijolos serão nas espessuras indicadas nas peças desenhadas, sendo que a maioria das paredes interiores terão uma espessura de 0,11m.

Todas as paredes serão rebocadas para permitir o desempenho, utilizando para isso uma argamassa de cimento e areia ao traço de 1.4; sendo posteriormente esboçados com uma argamassa de cimento e areia fina ao traço 1:3., com aditivo hidrófugo.

As paredes exteriores serão em capoto, com exceção da parede da sala que será revestida de pedra de madeira.

O muro de suporte da cave será em betão armado conforme determina o projeto de execução.

A caixilharia exterior, será em ferro galvanizado, pintado de cor preto com vidros duplos de 8mm+8mm+12mm.

O portão da garagem será em painel de madeira, de aço zincado, estampado e lacado tipo sandwich com núcleo poliestireno expandido, com acabamento de cor preto, com telecomando.

Porta de entrada, estrutura em aço galvanizado de cor preto e madeira.

Todos os vãos envidraçados de iluminação da casa, têm proteção interior blackout opaco cor branca. Porém em alguns casos, serão colocadas telas com comando pelo interior.

Em todas as janelas exteriores assentarão soleiras em mármore branco, a definir na obra.

Os guarda corpos serão em aço inox composto de banda de vidro laminar incolor de 3+3 mm com os bordos polidos.

A escada será executada em perfil tubular de aço galvanizado e revestida de madeira. O corrimão será em aço inox composto de banda de vidro laminar incolor.

Como revestimento para a cobertura, será aplicada sobre a laje de betão armado uma camada de forma em betão leve, a seguir uma tela de impermeabilização, poliestireno extrudido, manta geotêxtil e camada de regularização.

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Outros espaços de habitar, surge da possibilidade de intervir num lugar privilegiado, satisfazendo a necessidade inata do homem de se relacionar com o mundo, na procura de uma zona de refúgio, que promova as condições suficientes para o conforto e tranquilidade do mesmo, onde possa juntar a família e receber os amigos.

Com este trabalho, pretende-se valorizar a ação da natureza na vida do homem, não só como forma de contemplação, mas também como uma forma de refúgio.

Foram cumpridos os objetivos proposto inicialmente, respondendo ao programa e sobretudo foram tomadas em devida conta as vontades e desejos do cliente.

Com o desenvolvimento deste trabalho, pude perceber a importância e a necessidade de investigar com um olhar crítico, o que já foi feito e como foi feito, para que num futuro próximo, seja possível corrigir o que está mal e melhorar o que está bem.

Quando desenvolvemos um projeto no contexto habitacional, devemos realizar uma análise integrada das necessidades e convicções do cliente, na perspectiva de desenvolver objetivos e estratégias, concentrando os esforços de forma a fomentar o projeto, promovendo a capacidade, motivação e autonomia do Arquiteto.

Concluo dizendo que este exercício é uma oportunidade para pensar que arquitetura é muito mais do que simplesmente responder a um programa estático, é muito mais do que responder a funções.

A arquitetura é uma oportunidade de viver e usufruir o espaço...

E arquitetura é um processo. À medida que o trabalho foi evoluindo, a casa foi se transfigurando, foi se moldando, foi alterado, pela participação ativa do cliente, mas também pela experimentação e síntese das ideias que glorificam a vida.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

- TÁVORA, Fernando (2006) – *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP publicações.
- BAEZA, CAMPO (2018) – *A ideia construída*. Lisboa: Coleção Pensar Arquitetura Caleidoscópico, Edição e Artes gráficas, 6ª edição.
- SIZA VIEIRA, Álvaro (2015) – *Imaginar a Evidencia*. Lisboa: Edição 70
- PALLASMA, Juhani (2017) – *Habitar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili
- SILVANO, Filomena (2010) – *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Edição 1424
- TAVARES, Domingos (2015) – *Casas de Brasileiro*. Porto: 1ª Edição
- TAVARES, Domingos (2017) – *Transformação na Arquitetura Portuguesa*. Porto: 1ª Edição.
- LE CORBUSIER, (2008) – *Maneira de pensar o urbanismo*. Publicações Europeia-América, Editor: Tito Lyon de Castro, 4ª Edição.
- ANDO, Tadao, (2003) – *Conversas com Michael Auping*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili
- MONTANER, Josep Maria (2001) – *A modernidade Superada*. Título original: *La modernidade superada/Arquitetura arte y pensamento del signo XX*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- NIEMEYER, Oscar (2018) – *A Forma na Arquitetura*. (Arte & Comunicação;103) Edições 70.
- ZUMTHOR, Peter (2009) – *Pensar a Arquitetura*. Título original: *Architektur Denken*, segunda edição ampliada. Barcelona: Editorial Gustavo Gili
- MAWER, Simon (2009) – *A Sala de Vidro*. Barcelos: Editorial da civilização Editora
- Anatxu Zabalbeascoa (1998) – *As Casas do Século*. Título original: *Las Casas Del Siglo*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

WEB GRAFIA:

- <https://youtu.be/JgRmRgRMKVA>
- <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Adriana
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro_de_São_Bento_da_Vitória
- <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/mosteiro-de-são-bento-da-vitória>
- <https://www.itecons.uc.pt/catalogoptl/index.php?module=nivf&id=136>
- https://arquitecturananoite.files.wordpress.com/2011/05/trabalho-teorico-paredes-interiores_r08.pdf
- <https://zenodo.org/record/2555747#.XikIHcBUkIQ>
- <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/7149/3/Disserta%C3%A7%C3%A3o>
- <https://portal.danosa.com/danosa/CMServlet?node=DIV2&lng=4&site=3>
- <http://termolan.pt/solucoes/edificios-residenciais/>
- <https://www.portopatrimoniomundial.com/igreja-e-convento-de-s-bento-da-vitoacuteria.html>
- <https://www.meiacolher.com/2018/06/espessura-minima-de-lajes-macica.html?>
- <https://www.archdaily.com/7484/house-n-sou-fujimoto>
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Adriana
- <https://likemyplace.wordpress.com/2014/04/15/density-inspiring-housing-tokyo-moriyama-house-by-ryue-nishizawa-sanaa/amp/>
- <https://www.limaonagua.com.br/arquitetura/casa-transparente-uma-casa-japonesa/amp/>
- <https://www.archdaily.com.br/br/781263/casa-v-abraham-cota-paredes-arquitectos>
- <https://www.serralves.pt/pt/>

DOCUMENTOS LEGISLATIVOS:

- Regulamento PDM Villa Nova de Gaia (julho 2009)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jardim do Éden

Fonte: Google

Figura 2 - Evolução Humana

Fonte: Google

Figura 3 – Cabana primitiva, Blondel

Fonte: Google

Figura 4 – O fogo, Vitruvius

Fonte: Google

Figura 5 – Cabana primitiva, Filarete

Fonte: Google

Figura 6 – Cabana primitiva, Viollet le Duc

Fonte: Google

Figura 7 – Trato de Vitruvius

Fonte: Google

Figura 8 – Tratado de Alberti

Fonte: Google

Figura 9 – Catedral de Brasil

Fonte: Google

Figura 10 – Escola de Bauhaus

Fonte: Google

Figura 11 – Fundação Louis Vuitton

Fonte: Google

Figura 12 – Edifício Santalaia

Fonte: Google

Figura 13 – Casa em Baião

Fonte: Google

Figura 14 – Casa Estúdio

Fonte: Livro, *As Casas do Século*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

Figura 15 – Casa Douglas

Fonte: Livro, *As Casas do Século*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

Figura 16 – Casa David Vieira de Castro

Fonte: Google

Figura 17 – Casa Farnsworth, Mies Van Der, (Illinois, EUA)

Fonte: Google

Figura 18 – Casa Malaparte, Adalberto Libera, (Caprim Itália), 1938

Fonte: Google

Figura 19 – Arquitetura Vernacular

Fonte: Google

Figura 20 – Casa Fallingwater, Franck Lloyd Wright, (Pensilvânia, EUA),1935

Fonte: Google

Figura 21 – Villa Adriana, Roma (Itália)

Fonte: Pinterest

Figura 22 – Grandes Termas

Fonte: Google

Figura 23 – Villa Adriana, Canopo

Fonte: Google

Figura 24 – Teatro Marítimo

Fonte: Google

Figura 25 – Palacete Marques Gomes, (Vila Nova de Gaia), 1904

Fonte: Google

Figura 26– Palacete Marques Gomes, Fachada Principal

Fonte: TAVARES, Domingos (2015) – *Casas de Brasileiro*. Porto: 1ª Edição Pág.63

Figura 27 – Palacete Marques Gomes, Fachada Lateral Direito

Fonte: TAVARES, Domingos (2015) – *Casas de Brasileiro*. Porto: 1ª Edição

Figura 28 – Palacete Marques Gomes, Planta

Fonte: TAVARES, Domingos (2015) – *Casas de Brasileiro*. Porto: 1ª Edição

Figura 29 – Fachada da Igreja de S. Bento da Vitória, Rua de S. Bento da Vitória

Fonte: Google

Figura 30 – Claustro Nobre de S. Bento da Vitória

Fonte: Google

Figura 31 – Casa Serralves, 1944 (Porto)

Fonte: Google

Figura 32 – Casa Serralves, Elementos Curvos

Fonte: Google

Figura 33 e 34 – Casa Serralves, Vista da Sala Com Pé direito Duplo

Fonte: Google

Figura 35 – Villa Savoye, Fachada Principal

Fonte: Google

Figura 36 – Villa Savoye, Fachada Lateral

Fonte: Google

Figura 37 – Villa Savoye, Vista das Escadas e da Rampa

Fonte: Google

Figura 38 – Villa Savoye, Terraço com Jardim

Fonte: Google

Figura 39 – Planta de Enquadramento

Fonte: Google Maps

Figura 40 – Rua das Galés

Fonte: O autor

Figura 41 – Área do terreno

Fonte: O autor

Figura 42 – Planta de Qualificação do Solo

Fonte: Plano Diretor Municipal (PDM), Vila Nova de Gaia)

Figura 43 – Av. Da Beira Mar

Fonte: O autor

Figura 44 – Rua Pedra Torta

Fonte: O autor

Figura 45 – Planta de Localização

Figura: O autor

Figura 46 – Rua das Galés

Fonte: O autor

Figura 47 – Rua Pedra Torta

Fonte: O autor

Figura 48 – Rua Pedra Torta, Terreno a Direita

Fonte: O autor

Figura 49 – Rua Pedra Torta

Fonte: O autor

Figura 50 - Rua Pedra Torta, Virada para o Terreno

Fonte: O autor

Figura 51 – Rua das Galés, Virada para o Terreno

Fonte: O autor

Figura 52 – Diagrama Esquemático

Fonte: O autor

Figura 53 – Planta de Áreas

Fonte: O autor

Figura 54 – Corte Longitudinal

Fonte: O autor

Figura 55 – Planta Síntese da proposta

Fonte: O autor

Figura 56 – Axonometria

Fonte: O autor

Figura 57 – Axonometria Explodida da casa principal

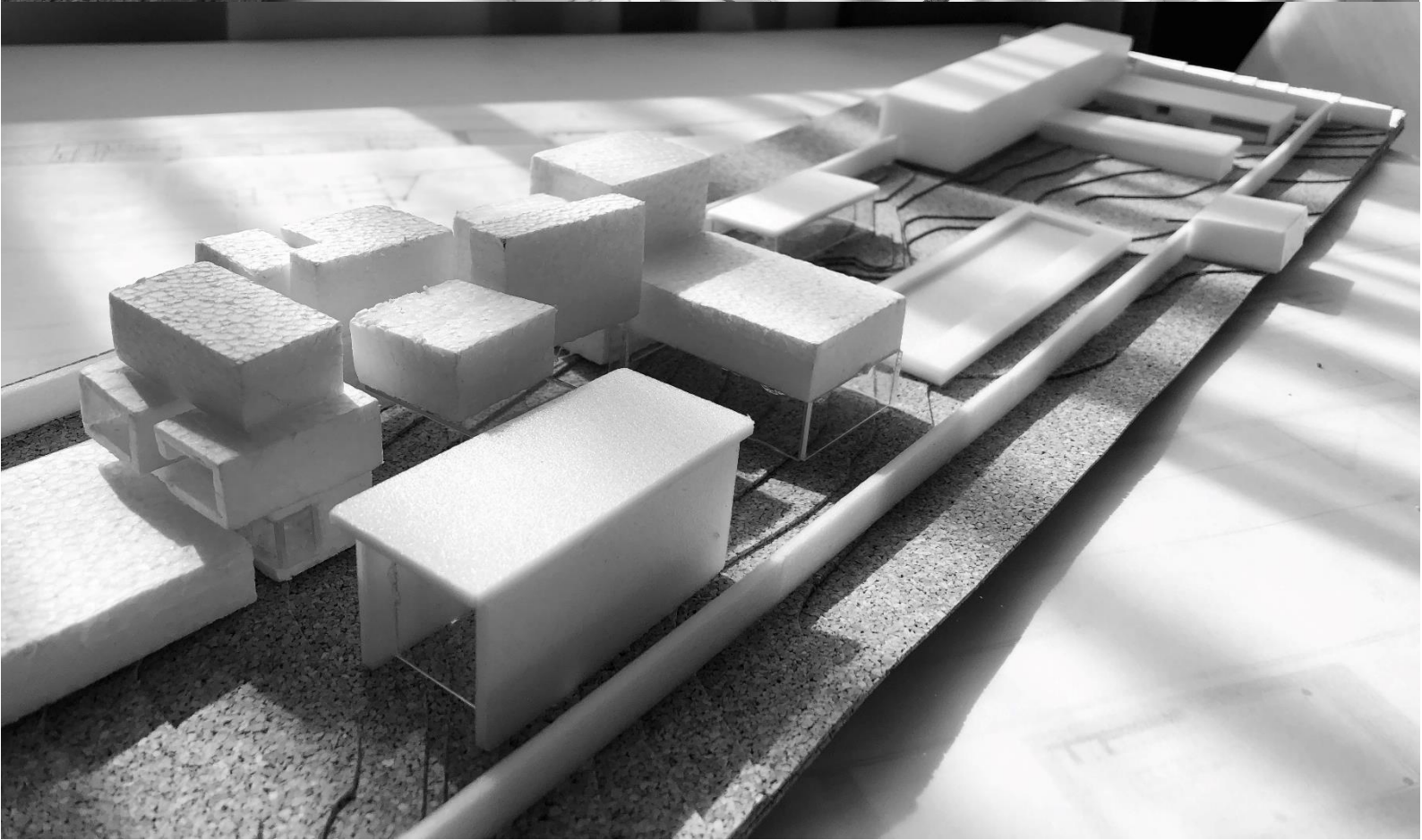
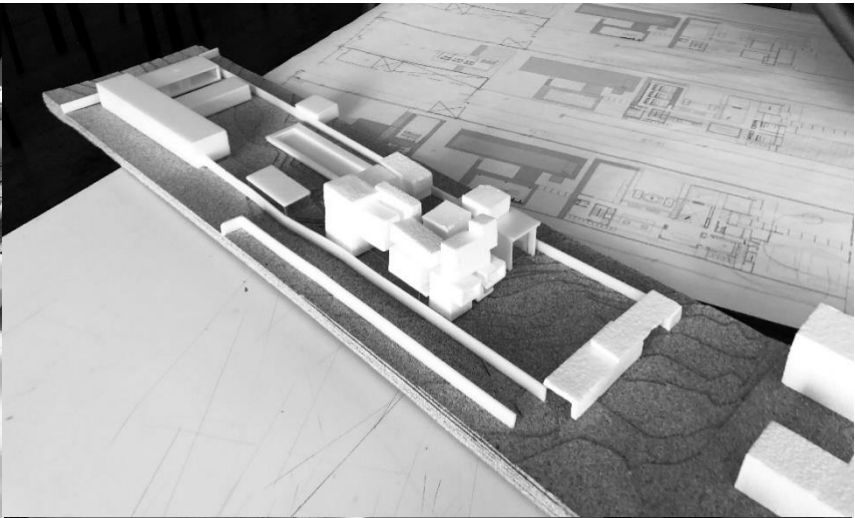
Fonte: O autor

Figura 58 – Axonometria da casa de Hospedes

Fonte: O autor

ANEXOS

Maquete / Estudo da Volumetria escala 1/1000



Maquete /Estudo de aberturas



